

Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Julho-Agosto de 1999

2000

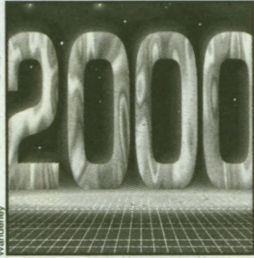
**Uma estratégia
pastoral para o
novo milênio**



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS



11 ESTRATÉGIA PARA O SÉCULO 21

Os princípios da evangelização apostólica são válidos para o próximo século.

16 IMPLICAÇÕES MORAIS DA CRIAÇÃO

Uma argumentação em torno da ética criacionista e evolucionista.

19 COMO TRATAR DISTÚRBIOS EMOCIONAIS

Pastor e psiquiatra devem atuar juntos em favor da saúde emocional da congregação.



21 ISAÍAS E A MISSÃO

Quatro princípios motivadores do ministério do profeta evangélico.

26 O QUINTO EVANGELHO

Exame de um dos mais debatidos documentos do início do cristianismo.

28 AMOR EM DOIS TEMPOS

O amor de Deus não conhece barreiras discriminatórias. Esse modelo devemos imitar.

SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

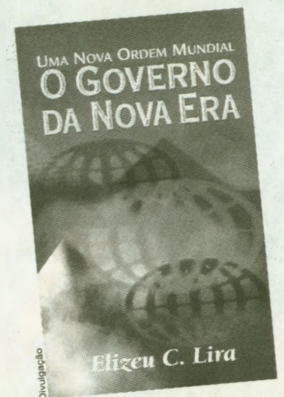
9 PONTO DE VISTA

15 HOMENAGEM

24 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS



Ano 70 – Número 04 – Jul./Ago. 1999
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa;
Editor: Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Helder Roger C. Silva; Ivanando B. Oliveira; José S. Ferreira; Mário Valente; Montano Barros; **Capa:** Erlo/Wanderley

Visite o nosso site: www.cpb.com.br
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br
Redação: redacao@cpb.com.br
Ministério na Internet: www.mensagem.com/ministerio

5935/6095

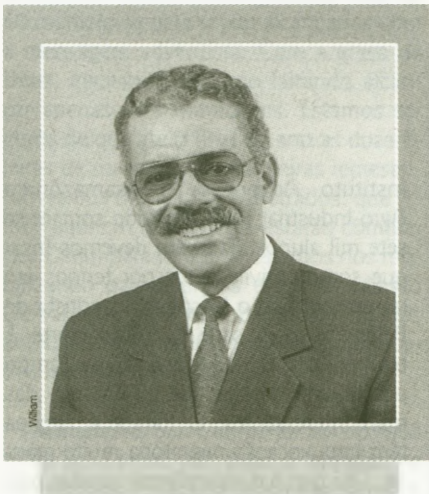
Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e do editor, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34, 18270-000 Tatuí, SP

O vaqueiro e o pastor



Para 53% das pessoas que participaram de uma pesquisa da revista *Época*, os pastores evangélicos não são confiáveis. Acredito que esses entrevistados avaliaram de forma generalizada, influenciados pelo que a própria mídia divulga (e nesse caso ela enfatiza mesmo o negativo) a respeito de pastores envolvidos na política, ou que fundaram e administram igrejas que se tornaram impérios econômicos, pela comercialização da fé.

Porém, quando somos focalizados por refletores alheios, uma atitude sensata é a de, primeiramente, nos entregarmos a uma reflexão autocrítica. Que razões levariam o povo a desacreditar num ministro do evangelho de Jesus Cristo? Essa é uma intrigante questão. Quero acreditar que sejam poucas. Mas acho que entre elas estão o pragmatismo e o exacerbado profissionalismo. Ambos podem deixar o rebanho à mercê de suas próprias carências insatisfeitas, o que faz surgirem o desalento e o descrédito.

Da vida profissional secular, é fácil entender que existem basicamente duas ma-

neiras de tratar com rebanhos. Uma é aquela exemplificada pelo trabalho de um vaqueiro. A outra maneira é vista na atividade de pastorear ovelhas, muito comum nas regiões orientais. É verdade que entre os dois tipos há também o magarefe. Mas por sua ação fria, sanguinária e cruel, recuso-me a ver nele algum paralelo com o pastoreio espiritual. Ele existe simplesmente para matar o rebanho.

Não se pode dizer que o vaqueiro não cuide do rebanho. Ele o conduz, pela manhã, às pastagens, tocando-o com um grito aqui, uma estocada de vara ali, uma chicotada acolá. Às vezes, embora esteja com o rebanho, parece indiferente a ele. Deixa-o solto ao longo do pasto, onde pode comer, beber e descansar, a seu bel-prazer, por sua própria conta. O vaqueiro tem outras coisas "mais importantes" para fazer. No fim da tarde, reúne os animais e os leva de volta para o abrigo. A obrigação está cumprida. Sabe que precisa alimentá-los bem e abrigá-los dos perigos e intempéries, tendo em vista a matança, quando poderá auferir vantajosos lucros pessoais. Tudo muito pragmático e profissional. Mas insuficiente, quando pensamos no pastoreio espiritual.

Embora seja de uma espécie que não costuma viver em rebanhos, o meu fiel cão repete para mim, todos os dias, a lição de que os animais irracionais "querem" e precisam de algo mais que ração e abrigo. Basta ver como ele se oferece para acompanhar-me nas caminhadas, me convida para brincar, e, às vezes, somente come a ração quando um de nós da família permanece ao seu lado. Em suma, parece carecer de atenção, simpatia e empatia. Que diríamos então dos seres humanos, que com suas necessidades emocionais e espirituais, compõem o redil do Senhor? É aqui que o pastor difere do vaqueiro. O pastor alimenta e abriga o rebanho, dando-lhe al-

go mais, com carinho e ternura paternas.

A Bíblia descreve belamente a obra do pastor, no Salmo 23. Jesus Se identificou como um pastor: "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas" (João 10:11), e isso diz tudo o que caracteriza o verdadeiro pastor, o que o torna confiável e o que o faz desacreditado: amor, doação de si mesmo pelo rebanho. Não apenas doação de algo ao rebanho, para obtenção de ganhos pessoais ou mero cumprimento de uma obrigação profissional. Roy Allan Anderson, no livro *O Pastor Evangelista*, descreve o pastor como guia, atalaia, provedor, médico e salvador do rebanho.

Ellen White assegura: "O espírito do verdadeiro pastor é de inteiro esquecimento de si mesmo. Ele perde de vista a eu para que possa fazer as obras de Deus. Pela pregação e pelo ministério pessoal nos lares do povo, toma conhecimento de suas necessidades, tristezas e provas; e, cooperando com Aquele que leva o maior fardo, participa das aflições deles, conforta-os em seus dissabores, farta-lhes a alma faminta e salva-lhes o coração para Deus. Nesta obra é o ministro assistido pelos anjos do Céu, sendo ele próprio instruído e iluminado na verdade que o torna sábio para a salvação." – *Atos dos Apóstolos*, pág. 527.

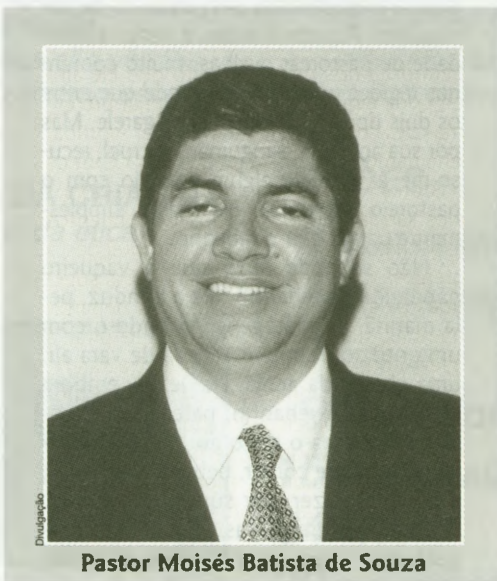
O rebanho de Deus não precisa apenas de vaqueiros, pragmáticos e bons profissionais, diligentes empregados de uma Organização, que o tratem simplesmente como instrumento para conquistar metas. O rebanho de Deus necessita de pastores no sentido mais amplo e profundo do termo. Pastores que o amem; que revelem sincera e natural empatia; que considerem as necessidades e feridas da sua alma; sim, pastores sempre acessíveis e presentes. A esses o rebanho responde com amor e confiança. – *Zinaldo A. Santos*.

Por terra, céu e rios

ZINALDO A. SANTOS

Abrangendo a parte mais baixa do Rio Amazonas, justamente onde ele se encontra com o Oceano Atlântico, a Associação Baixo-Amazonas, ABA, é um território rico de belezas naturais, desafios e inspiração missionária. Contando com uma aguerrida equipe de obreiros voluntários e pastores comprometidos com a Missão Global, o Campo tem quase todos os seus municípios marcados com a presença adventista. Até o final do ano, tudo indica que os últimos dois que faltam serão alcançados. No ano passado, a ABA esteve à frente de todos os outros Campos da Divisão Sul-Americana em número de batismos.

Para fazer conhecidos os desafios, métodos e metas da Associação Baixo-Amazonas, *Ministério* entrevistou o presidente do Campo, Pastor Moisés Batista de Souza, um paulista de Populina que fez o curso colegial no Instituto Adventista Agro-Industrial do Amazonas, IaaI. Desejava ser engenheiro agrônomo, mas sentiu-se tocado pelo chamado divino durante um sermão apresentado pelo Pastor Emanuel Saraiva sobre a vocação ministerial. "O título daquele sermão foi 'O romance do ministério', e quando foi feito o apelo, fui o primeiro a ir à frente", ele diz, acrescentando que "o chamado foi irresistível". Dirigiu-se então ao Educandário Nordeste Adventista, Belém de Maria, PE, onde formou-se em Teologia, em 1983. No ano seguinte casou-se com Elma Matos de Souza, de cuja união



Pastor Moisés Batista de Souza

nasceram os filhos Elói Miguel, Élio Izael e Élvio Gabriel.

Antes de presidir a ABA, a partir de agosto de 1995, o Pastor Moisés atuou como pastor distrital, evangelista e secretário ministerial do Campo, e também ocupou os mesmos departamentos na União Norte-Brasileira.

Ministério: Poderia dar-nos uma visão da Associação Baixo-Amazonas?

Pastor Moisés Batista de Souza: A Associação Baixo-Amazonas, ABA, é constituída pelos Estados do Pará e Amapá, um território de 1.396.618,2 quilômetros quadrados, representando 16,33% do território nacional brasileiro, e uma população de 5.890.308 habitantes nos dois Estados. Temos 655 igrejas organizadas e grupos, e operamos uma rede educacional de 30 escolas, entre as quais o Instituto Adventista Grão-Pará, um dos mais conceituados colégios da capital paraense, e um internato, o

Instituto Adventista Transamazônico Agro-Industrial, Iatai. Ao todo somam-se sete mil alunos. Também devemos frisar que somos privilegiados por termos em nosso território o Hospital Adventista de Belém, além da sede da União Norte. É bom lembrar também que nosso Campo possui uma diversidade etnográfica das mais interessantes. O Pará e o Amapá têm uma vocação migratória muito grande. São pessoas oriundas de muitas partes do Brasil, especialmente Maranhão, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Paraná e Rio Grande do Sul. Nas regiões Sul e Oeste do Pará, concentra-se o maior índice dessa imigração.

Ministério: Com uma geografia peculiar, que dificuldades existem para o atendimento ao Campo, e como são superadas?

Pastor Moisés: Atendemos a nossas congregações através de quatro vias de acesso. Primeiramente, existem rodovias bem pavimentadas em boa parte do Pará. Noutra parte, viajamos em estradas sem asfalto, no meio da selva com tudo o que isso significa de aventura e encontro com animais silvestres. O Pará tem a maior extensão de estradas sem asfalto do país, segundo o próprio Departamento Nacional de Estradas e Rodagens. Há também a via fluvial, um capítulo interessante da nossa experiência, pois vivemos na parte mais aquinhoadada daquela que é a maior bacia fluvial do mundo. É uma malha impressionante. Só nas proximidades de Belém, são cerca de duas mil ilhas. As cidades mais antigas foram fundadas às margens dos rios. Em 1928, quando aqui chegou o nosso pioneiro, Pastor Léio Haliwell, logo per-

cebeu que os rios seriam as únicas "estradas" para alcançar a região, e construiu a lancha Luzeiro VI. Continuando esta saga missionária, ainda hoje atendemos algumas igrejas por via fluvial, através de navios, barcos e da Luzeiro VI. Outra parte do território é atendida via aérea. Há lugares que são alcançados após três horas de voo, e não há outra alternativa. Você pode imaginar os custos elevados.

Ministério: *Como vai a ABA na Missão Global?*

Pastor Moisés: Gostamos de falar desse assunto. Há três anos, existiam mais de 60 municípios para serem alcançados com a mensagem adventista. Com a graça de Deus, iniciamos este ano faltando alcançar apenas dois municípios. Estamos seguros de que até o final do ano as duas fileiras de mastros com bandeiras representativas dos municípios penetrados, que temos aqui em nossa sede, estarão completas. Daqui para frente, já estamos nos mobilizando para a última etapa da Missão Global, que será, dentro de dois ou três anos, alcançarmos todas as vilas e povoados não evangelizados.

Ministério: *Seu Campo foi um dos que mais batizaram, em todo o mundo, no ano passado. Quantos novos membros foram acrescentados à Igreja nesse período?*

Pastor Moisés: Por algum tempo, fomos informados de que havíamos sido os campeões mundiais em número de batismos. Depois, a informação foi corrigida, quando todos os relatórios do campo mundial foram completados. Mas as posições da ABA foram a sexta, no mundo, e a primeira na Divisão Sul-Americana. Em 1998, batizamos 9.502 pessoas.

Ministério: *Consta que, no início deste ano, uma campanha de Mordomia culminou com a realização de 520 batismos. Como isso funcionou?*

Pastor Moisés: Setenta e um pastores do Campo e suas instituições, e da União Norte, foram reunidos em Belém, para a realização de uma campanha metropolitana de Mordomia, liderada pelo Pastor Arnaldo Enríquez, da DSA. Igualmente 71 igrejas receberam o impacto de mensagens sobre o Espírito Santo, durante uma semana. No início da programação, cada pastor foi desafiado a fazer apelos a interessados e visitantes. O sonho era conquistar 500 pessoas. Ao longo da semana, trabalhamos e oramos por isso. Finalmente, o Senhor nos abençoou com os 520

batismos, provando que Mordomia também é evangelismo externo, porque alcança pessoas de fora, e interno, porque leva a igreja a uma experiência mais sólida de reconsecração e fidelidade. Um programa de Mordomia bem feito tem atmosfera de campanha evangelística, e aí não podem faltar conversões.

Ministério: *Qual é a estratégia de trabalho do seu Campo?*

Pastor Moisés: Não temos uma fórmula estática, algo unilateral de que posamos dizer: este é o método e pronto. Na verdade, temos um conjunto de fatores, que podemos enumerar, até com o risco de deixar algum fora. Procuramos inspirar os pastores, com base no que o Senhor já nos deu e o muito que Ele ainda pode e quer dar. Tentamos criar um clima de confiança, fraternidade, companheirismo e simplicidade no trato com os pastores, levando em conta que todos eles são importantes e possuem talentos específicos, têm grandes contribuições a oferecer e podem melhorar as idéias sugeridas pela administração e pelos departamentais. Também procuramos inspirar a igreja com o sonho de terminar a tarefa, baseado nas promessas de Deus, no momento escatológico em que vivemos, e nas conquistas que o Senhor nos permitiu obter nos últimos anos. Equipamos o exército voluntário com material missionário gratuito – só no primeiro trimestre deste ano, foram distribuídos mais de 40 mil blocos de estudos bíblicos e mais de dez mil Bíblias além de outros materiais. Investimos ainda no treinamento constante de pastores e membros, buscando melhorar o que está dando certo. Realizamos um concílio geral e três regionais por ano. O concílio geral é sempre com os familiares. Nos regionais, acompanhamos e avaliamos o que está sendo feito. Há também os encontros campais, em ilhas, fazendas ou no meio da selva mesmo. Esses encontros são sinônimos de alegria, espiritualidade, confraternização e inspiração para nossos membros e pastores.

Ministério: *Os departamentais fazem evangelismo público?*

Pastor Moisés: Sim, todos eles. Normalmente cada um realiza uma série de conferências por ano, com duração de até 30 dias. Trabalhamos segundo a mística dos suíços: "um por todos e todos por um." Isso vale para evangelismo, recrutamento de colportores, congressos de Escola Sabatina, J.A., etc.

Ministério: *O presidente faz evangelismo público?*

Pastor Moisés: Com imenso prazer. Aliás, realmente, eu não saberia viver neste ministério se não experimentasse, pelo menos uma vez por ano, as emoções de lançar a rede e trazer muitos peixes através do evangelismo público. Isso parece um contágio. Depois de atingir o pastor geral, vira epidemia e alcança pastores e obreiros voluntários. Só lamento dispor de apenas 30 a 35 dias no ano para esse trabalho.

Ministério: *Como é possível conciliar as atividades departamentais e administrativas com o evangelismo público?*

Pastor Moisés: Posso dizer que, realmente, não é fácil. Mas todos sabemos que as boas coisas nunca chegam de maneira fácil. Sabemos também que tempo e dinheiro são difíceis, mas sempre existem para o que é realmente importante. No meu caso, procuro facilitar, evangelizando lugares que não fiquem mais de 150 quilômetros distantes da Associação. Assim, posso atender no escritório, pela manhã, e dedicar-me ao evangelismo durante a tarde e a noite. Na última cidade em que fiz isso, a 160 quilômetros de Belém, após 32 dias, 72 pessoas foram batizadas, congregadas num templo, num lugar onde até então não havia adventistas. É fascinante, um refrigério para as preocupações burocráticas.

Ministério: *Qual o envolvimento das instituições no programa evangelístico do Campo?*

Pastor Moisés: Todas as instituições da Baixo-Amazonas, inclusive o Hospital Adventista de Belém, respiram a atmosfera evangelística. O hospital é arrojado nos projetos evangelísticos que realiza, o que pode ser visto nos recursos que destina e nas cidades que alcança, construindo igrejas e ganhando conversos. Salinópolis, Mosqueiro, Santo Antônio e outras, onde não existiam adventistas, são exemplos maravilhosos. No mesmo ritmo evangelístico trabalham as instituições educacionais, cujos líderes e capelães estão sempre presentes aos nossos concílios ministeriais.

Ministério: *Em que margem percentual situa-se o problema de apostasias na Associação Baixo-Amazonas?*

Pastor Moisés: Sabemos que esse é um problema preocupante. Embora no Céu tenha havido 1/3 de apostasia, com a queda de Lúcifer, e na Terra, 100%, com Adão e Eva, precisamos lutar para dimi-

nuir o percentual em nossos dias. Não temos um estudo que nos permita uma exatidão nos dígitos. Por observação, sabemos que as pessoas ganhas através do trabalho pessoal, apostaram menos. Já em conferências públicas, o índice aproximase de 50%, o que nos preocupa. Mas quando observamos, após um ano, que uma campanha feita numa cidade sem adventistas deixou ali uma igreja organizada, temos motivos para agradecer.

Ministério: *Que planos específicos a ABA coloca em prática para conservação dos milhares que se convertem a cada ano?*

Pastor Moisés: Dentro do programa de Missão Global, em todos os lugares recém-penetrados são colocados obreiros bíblicos. Também procuramos envolver os novos conversos em atividades missionárias, em consonância com o pensamento de Ellen White, segundo o qual "é trabalhando pelos outros que manterão vivas suas próprias almas". O êxito em envolver esses novos adventistas varia de um lugar para outro; estando, possivelmente, ligado a quem lidera o programa em cada lugar.

Ministério: *O que está sendo feito para evangelizar as classes tidas como mais sofisticadas da sociedade, em seu território, e com que resultados?*

Pastor Moisés: O Hospital Adventista de Belém nos ajuda muito nessa tarefa. Tenho conversado com pessoas da alta esfera política e social em nosso território, especialmente no Pará, que conhecem nossa mensagem por influência dessa instituição de saúde. E tem havido batismos. Além disso, a Rádio Novo Tempo de Belém alcança essa classe de pessoas, notadamente no meio evangélico. Aliás, das emissoras evangélicas de Belém, a Novo Tempo é a considerada mais clássica, com músicas de qualidade mais refinada e mensagens bem apresentadas. Isso segundo o testemunho dessas pessoas. Professores e alunos do Seminário Batista de Belém manifestam a mesma opinião.

Ministério: *Administrador e pastor podem se encontrar numa mesma pessoa, ou as duas coisas não se combinam?*

Pastor Moisés: Segundo Paulo, pastorear e administrar são dons do Espírito. E sabemos que os dons são dados para atender às necessidades da Igreja e para o seu crescimento. Por isso, creio que seja imprescindível que um administrador te-

nha, entre outros, essas duas qualidades. Há vários administradores que dão um excelente toque pastoral às suas ações. Eu oro muito a Deus para que possa me encontrar entre estes.

Ministério: *Que diferenças existem entre administrar a Igreja e administrar empresas seculares?*

Pastor Moisés: Empresas seculares são pragmáticas e buscam resultados preferencialmente imediatos, embora se deixem nortear por alguns princípios que podem ser úteis à Igreja. A história da administração nos fala de diferentes ênfases, ou modismos, na arte de administrar: valorização do cliente, qualidade total, e, ultimamente, valorização do ser humano, sua felicidade, para que produza mais. São bons princípios que devem ser considerados. Mas, como Igreja, também podemos refletir no seguinte: já temos os princípios, os métodos e a certeza do triunfo do nosso empreendimento. Deus já nos deu no passado, dá-nos agora, e lembra que estará conosco no futuro. Que administrador secular enfrentaria as inquietudes do panorama da globalização e dos resfriados econômicos com tal garantia? Pode algum dentre eles dizer que "nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos a maneira como Deus nos guiou, e os ensinamentos que nos ministrou no passado"? A principal diferença que eu vejo é a de fontes. As empresas seculares bebem nas fontes acadêmicas e empíricas da arte de administrar. A igreja bebe na fonte da orientação do próprio Deus, e, a partir daí, constrói seus paradigmas administrativos.

Ministério: *Que prioridades o senhor estabeleceria para o trabalho e a vida dos seus pastores?*

Pastor Moisés: É interessante que, em todos os nossos concílios, nós apresentamos de diferentes maneiras as prioridades da vida pastoral. Concílio vai, concílio vem, e elas são as mesmas, embora às vezes apresentadas numa embalagem diferente: 1) o pastor e seu relacionamento com Deus, 2) o pastor e sua família, e 3) o pastor e seu trabalho.

Ministério: *O que é, a seu ver, um pastor de sucesso?*

Pastor Moisés: O pastor de êxito é aquele que está em paz com Deus, com a família, com a igreja e consigo mesmo. É aquele que não pára de sonhar e, no po-

der de Deus, usando os dons que recebeu ou venha a receber d'Ele, realiza muitos desses sonhos. É aquele que não mede seu sucesso em comparação com os outros, mas em comparação consigo mesmo, estabelecendo cada ano novas marcas de conquistas, quer de pessoas convertidas, território conquistado ou crescimento pessoal. Pastor de sucesso é aquele "aprovado, que não tem de que se envergonhar". Espero ser esse pastor, e que cada ministro adventista também o seja, no poder do Espírito.

Ministério: *Quais as maiores ameaças que o senhor vê para a igreja, hoje, e como poderemos enfrentá-las com êxito?*

Pastor Moisés: Creio que nossa maior ameaça é o perigo de alterarmos, ainda que minimamente, nossa compreensão de que a Bíblia é autoritativa para nós, e fonte suficiente para aferir todo ensino e experiência. Devemos estudá-la como sempre o fizemos como adventistas do sétimo dia, com oração, considerando o seu contexto histórico. Outra grande ameaça é não apreciarmos devidamente o dom de profecia manifestado entre o Remanescente, através do ministério de Ellen White. Ligado a esses perigos, existe o de não dedicarmos tempo diário para o exame necessário desses escritos. Podemos salvaguardar a Igreja dessas ameaças, como pastores, fazendo um trabalho pessoal e do púlpito, que desperte nossos irmãos para a necessidade de comunhão com Deus através de Sua Palavra. Certamente o pastor é o ponto de partida, lembrando que Lutero, quanto mais problemas enfrentava, mais tempo empregava para o estudo da Bíblia e a oração.

Ministério: *Considerando o momento tão solene e crítico da história do mundo, que mensagem o senhor gostaria de dar aos leitores?*

Pastor Moisés: Gostaria de dizer que, um dia, a Obra de pregação do evangelho vai terminar. Isso pode ser em nossos dias, e acredito que o será. Homens e mulheres serão usados por Deus para a conclusão da tarefa. É nosso privilégio ser esses homens e mulheres. Podemos sentir que estamos no limite da oportunidade de rompermos com as atrações do mundo e nos comprometemos incondicionalmente com os planos do Salvador. Se o alvo que perseguimos coincidir com o alvo dos Céus, então vivenciaremos muito breve, felizes, a concretização da bendita esperança Maranata.

Amizade na família de Deus

VASTI VIANA

Diretora da Área Feminina da Associação Ministerial e do Ministério da Mulher, na Divisão Sul-Americana da IASD



Divulgação

Durante todo o ano de 1999, a Igreja Adventista do Sétimo Dia está enfatizando um tema que é resumido no slogan "Experimentando o companheirismo na família de Deus". É muito importante que a família de sangue e a família eclesial se mantenham unidas pelos laços da amizade fraternal e do amor cristão.

Amar a todos, por princípio, e amar mais intimamente aqueles que amam a Jesus, eis a nossa meta. Escolher ser amigo e companheiro daqueles que aceitam e vivem as verdades cristãs é algo que muito nos gratifica. Não há dúvida de que o ideal comum constitui-se o melhor motivo para concretizar uma amizade.

Há duas atitudes que devem ser consideradas, quando falamos de amizade. Em primeiro lugar, estão as atitudes que alimentam a própria amizade, conferindo-lhe beleza, solidez. Em segundo lugar, encontram-se atitudes e comportamentos que bloqueiam a amizade e, evidentemente, afastam os amigos.

Mas, afinal, a quem podemos definir como amigo? Será aquele indivíduo que está sempre disposto a ouvir o outro, mostrar compreensão, e fazer-lhe companhia quando necessário? Porventura, a pessoa a quem chamo de amigo será aquela que es-

tá pronta a defender-me quando sou injustiçado? Aquela que partilha das minhas alegrias e tristezas? Que se revela merecedora da minha confiança relativa?

Um amigo pode ser tudo isso. Mas pode ser também alguém a quem, às vezes, preciso perdoar. Alguém que nem sempre é obrigado a concordar comigo, que tem uma amável e firme palavra de advertência quando me encontro em erro. Alguém que não aceita acobertar meus deslizes. E que precisa de mim o quanto eu preciso dele.

Há pessoas que se queixam dos amigos que têm. Mas antes de assumirmos tal postura, será proveitoso fazer um exercício de autocrítica. Sou eu capaz de despertar amizade? Tenho eu consciência de que sei respeitar a personalidade dos meus amigos? Correspondo à confiança que eles depositam em mim? Estou disposto a fazer pelos amigos tudo o que espero que eles façam por mim?

Ouçó-os com a devida atenção? Revelo tato quando necessito advertir um amigo que cometeu um erro? Quando acontece de um amigo sentir-se magoado e ficar aborrecido comigo, que tenho feito para resolver o problema e restaurar a amizade? Minhas conversas com os amigos têm sido veículo transmissor de boas idéias, ricas e positivas? Somos, meus amigos e eu, melhores, hoje, por causa da amizade que alimentamos?

Como ser amigo

Existem maneiras de se cultivar amizades, pois não é suficiente *ter* amigos. É preciso *ser* amigo. A seguir, enumeramos algumas sugestões para tornar possível essa experiência.

- *Respeito pelos sentimentos do outro.* Nunca tome atitudes ou diga palavras que contribuam para diminuir e desmerecer alguém. Tripudiar sobre fraquezas, especialmente casos de deficiência física, não constrói nem alimenta amizades.

- *Lealdade.* Não transmita a outras pessoas informações que lhe foram passa-

das confidencialmente. A quebra de confiança destrói a amizade. Continue amigo mesmo quando o outro se encontrar em dificuldades, quaisquer que sejam elas.

- *Espírito de apoio mútuo.* Tenha sensibilidade para perceber quando o amigo precisa de ajuda. Disponha-se de boa vontade e espontaneamente.

- *Valorização das qualidades.* Expressões sinceras de elogio e apreciação pelo amigo ou por algum feito especial de sua autoria sempre são benéficas.

- *Senso de humor e otimismo.* Tenha sempre algo agradável para dizer, uma boa notícia, uma palavra de incentivo.

Amigos celestiais

Há pessoas muito vulneráveis à opinião de terceiros. Em geral, são pessoas que sofrem de baixa auto-estima, ou que não têm conceitos definidos sobre o que é certo e o que é errado. Às vezes são adolescentes que desejam mostrar sentimento de independência dos pais. Nesse último caso, trata-se de um problema da idade, e que certamente passará com o tempo e a aquisição de maturidade. Os dois primeiros exemplos são reflexo de problemas vividos na infância, ou fruto de deficiência na educação ou falha na orientação recebida para enfrentar a existência.

Há outros amigos que fazem tudo para impor e fazer prevalecerem suas idéias e sugestões. São do tipo autocrata, têm opinião forte, e gostam de ser ouvidos e atendidos em tudo o que dizem. Cabe-nos descobrir como manter essa amizade sem subordinar nossa personalidade, ou abafar nossa individualidade. No trato com tais situações, precisamos lembrar das palavras de Salomão, segundo as quais "como o óleo e o perfume alegram o coração, assim o amigo encontra doçura no conselho cordial" (Prov. 27:9).

Como vai nossa amizade com a família celestial? Desejamos ansiosamente nos reunir com ela na eternidade? Quanto tempo diário empregamos conversando com esses amigos supremos? "Nunca andará só aquele que estiver acompanhado de bons pensamentos." E bons pensamentos são o resultado da presença de Deus o Pai, de Jesus Cristo, o Filho, e do Espírito Santo, a família celestial, no coração. São os nossos amigos celestiais.

Precisamos dedicar tempo e interesse especial em cultivar a amizade com nossos familiares e amigos do Céu. Além das bênçãos infinitas para esta vida e para a vida futura, esse relacionamento nos tornará melhores amigos terrestres.

Salvação, fé e obras

REO M. CHRISTENSON

Ph.D., professor emérito da Universidade de Miami, reside em Miamisburg, Ohio, Estados Unidos



De que, finalmente, depende a salvação do homem? Da fé no sacrifício de Jesus e aceitação dEle como Salvador pessoal, ou das boas obras que se seguem a essa fé? Eis uma pergunta muito gasta nos círculos teológicos e também na Igreja Adventista, cuja resposta pode parecer óbvia. Uma vez que aceitamos a Cristo como nosso Salvador, desejaremos fazer Sua vontade, mesmo que nossas boas obras não nos salvem. Não podemos merecer a salvação, mas podemos expressar nossa lealdade e nosso compromisso com Cristo de buscar, com a ajuda de Deus, andar nos Seus passos.

Mas há um problema. As passagens bíblicas que tratam especificamente do julgamento nos dizem que seremos julgados por nosso comportamento. Nenhuma passagem diz explicitamente que seremos julgados por nossa fé em Cristo, seguida de boas obras.

Vejamos algumas dessas passagens: "Segundo as obras deles, assim retribuirá" (Isa. 59:18). "Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, Eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proce-

der, segundo o fruto das suas ações" (Jer. 17:10). "Ele te declarou, ó homem, o que é bom e o que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus." (Miq. 6:8). "Agora, vem o fim sobre ti; enviarei sobre ti a Minha ira, e te julgarei segundo os teus caminhos, e farei cair sobre ti todas as tuas abominações" (Ezeq. 7:3). "E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este Meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão" (Mat. 10:42). "Porque o Filho do homem há de vir na glória de Seu Pai, com os Seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras" (Mat. 16:27). "Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos." (Mat. 19:17). "Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a Sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo" (João 5:28 e 29). "Aquele que tem os Meus mandamentos e os guarda, esse é o que Me ama; e aquele que Me ama será amado por Meu Pai e Eu também o amarei e Me manifestarei a ele" (João 14:21). "Pelo contrário, em qualquer nação, aquele que O teme e faz o que é justo Lhe é aceitável" (Atos 10:35). "Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho" (I Cor. 3:8). "E não cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos" (Gál. 6:9). "Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação" (I Ped. 1:17). "Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão

que Eu sou aquele que sonda mente e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras" (Apoc. 2:23). "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus." (Apoc. 14:12). "Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras" (Apoc. 20:13).

Como podemos harmonizar essas passagens, as quais enfatizam as obras, especialmente relacionando-as com julgamento, com uma igualmente formidável lista de versos que realçam o papel da fé?

Harmonia de posições

A tarefa de conciliar tais posições, aparentemente divergentes, é possível se reconhecermos dois fatos centrais: 1) Deus é justo; 2) a grande maioria daqueles que viveram e morreram, ou nunca ouviu a respeito de Cristo ou não ouviu o suficiente para avaliar Seus requerimentos. Essa maioria inclui toda a população que habitava o mundo antes do nascimento de Cristo, e muitos também depois do Seu nascimento. Ainda hoje, com todo o avanço tecnológico da comunicação, a maioria da raça humana não tem sido exposta ao evangelho.

Estariam perdidos todos aqueles que nunca ouviram de Jesus? Como poderiam ser eles responsabilizados por não terem fé em Cristo e não submeterem o coração a Alguém de quem jamais ouviram falar? Poderíamos nós esperar tal atitude de um Deus que, indubitavelmente, é mais justo que qualquer ser humano?

Tenho ouvido inumeráveis sermões e lido muitos artigos proclamando a fé em Cristo como crucial para a salvação, mas que passam por alto desse significativo dilema teológico.

Há uma maneira, eu acredito, pela qual a doutrina da justificação pela fé pode ser conciliada com o julgamento do homem "segundo as suas obras". Deus é a fonte e a inspiração para tudo o que é bom. Ele fala através das Escrituras e através do Espírito Santo. Se aqueles que nunca ouviram falar de Cristo respondem ao Seu Espírito na medida em que o Senhor lhes fala, um julgamento baseado no comportamento lhes dá a mesma oportunidade de salvação que àqueles que aceitaram as boas-novas, pela fé, quando foram alcançados por elas. Demanda a justiça algo menos que isso?

Considere aqueles que crêem que a fé em Jesus como Seu Salvador os qualifica

para a salvação, entendendo que tal profissão induzirá a um comportamento apropriado. Agora pense nos milhares de indivíduos que freqüentam as igrejas por aí fora. Eles se consideram cristãos "nascidos de novo", dizem ter aceito a Cristo como o Filho de Deus que morreu por seus pecados; muitos, sem dúvida, acreditam nEle como Seu Salvador. E não são insinceros na maneira como crêem, ainda que seu estilo de vida seja pouca coisa diferente da média dos descrentes honestos e decentes que também existem por aí. Se não freqüentassem uma igreja, ninguém teria razões para suspeitar que fossem cristãos.

"Aceitar a Cristo", portanto, deve significar muito mais que mera profissão verbal, assistência à igreja, leitura da Bíblia, doações liberais, engajamento em um grupo de oração ou ativo testemunho. O teste do compromisso cristão não é quanto nós assistimos à igreja ou lemos a Bíblia, ou oramos, mas como nos comportamos quando não estamos fazendo essas coisas. Essa perspectiva radical une os ensinamentos de Jesus com os versos bíblicos sobre o julgamento.

A menos que a aceitação de Cristo afete de modo significativo todo o nosso comportamento, a profissão de fé nEle é como o metal que soa e como o sino que retine. Assim, se os cristãos, também, são julgados "segundo as suas obras", seu comportamento deve demonstrar se sua aceitação de Cristo é simplesmente uma verborragia superficial ou se ela penetrou no íntimo do ser. O padrão comportamental torna-se igualmente aplicável tanto às pessoas que afirmam que são cristãs como àquelas que, embora parcial ou completamente ignorantes em relação às boas-novas, deram boas-vindas às silenciosas sugestões do Espírito Santo em sua vida (ver Rom. 2:12-16). A justiça de Deus prevalece em cada caso, e Satanás não pode acusá-Lo de injustiça.

Além da superfície

Comportamento cristão, em sua plenitude, significa mais do que é comumente reconhecido. Ao lado de amar nosso próximo como a nós mesmos, significa amar nossos inimigos. Envolve o respeito a todos os dez mandamentos, ser honestos e confiáveis nas grandes e pequenas coisas. Significa que devemos ser bons ouvintes e corteses tanto em relação às pessoas simples como aos "grandes" do mundo. Significa evitar o profano e o obscuro, bem como ter hu-

midade para admitir falhas pessoais e a falibilidade de nossas opiniões.

Comportamento cristão, no mais profundo sentido da expressão, significa manifestar absoluta integridade sexual em pensamentos, palavras e atitudes, manter um estilo de vida simples, enquanto somos liberais em recursos que ajudem a aliviar o sofrimento humano e na disseminação do evangelho. Um correto comportamento cristão tem a habilidade de enfrentar a adversidade com uma boa medida de ânimo e continua confiança em Deus. De fato, ninguém vive plenamente todos esses atributos cristãos, mas a menos que nosso comportamento seja diferente daquele demonstrado pelos descrentes, ser um cristão é um caminho mais altruístico de vida.

Se a aceitação de Cristo não afetar o comportamento, a profissão de fé é como o metal que retine.

Poucos pastores realçam toda a amplitude do comportamento cristão. Alguns talvez enfatizem a bondade e a compaixão; mas se falam de sacrifício vivo, ou se condenam o sexo extraconjugal e o divórcio, colocarão alguns casais numa situação tão desconfortável que estes mudarão para uma igreja que lhes fale somente o que querem ouvir. Como resultado dessa omissão, muitos freqüentadores de igreja sentem-se muito confortáveis com um estilo de vida morno, que faz pouca diferença notável.

Algumas pessoas dirão que ninguém poderá ser bom o bastante para merecer a vida eterna. E elas estão certas. Mas ao respondermos ao Espírito de Deus, quando Ele fala (através das Escrituras, dos sermões, da influência individual, ou através da comunicação direta), nós nos tornamos objetos da eterna graça e da misericórdia de Deus. Nosso viver pode revelar um espírito de obediência e boa vontade para se deixar conduzir por Deus, que nos torna beneficiários de Sua graça. Deus não pode, entretanto, estender os benefícios dessa graça àquelles que O rejeitam ou resistem aos apelos do Seu Espírito.

Quão bom deve ser o comportamento de alguém, para que este mereça a misericórdia de Deus? Ninguém possui uma resposta para essa questão, senão Deus que conhece os corações e seus predominantes desejos de buscar o bem e o direito, ou suas tendências para dar primazia ao hedonismo, aceitação social, orgulho, egoísmo e cobiça.

Honestidade divina

Deus deseja, na verdade, assumir o controle de nossa carga genética e nosso ambiente social. Esses dois fatores determinam nosso comportamento e nossa inclinação à fé. Alguns possuem um temperamento e disposição que, desde o nascimento, os direcionam ao cultivo de uma conduta amigável, prestativa, útil e construtiva. Outros têm um espírito rebelde, manifestado desde a mais tenra idade. Alguns reconhecem seus próprios pecados específicos mais prontamente que outros. Alguns falham mais com mais freqüência, mas logo se arrependem. Só Deus pode julgar corretamente, em vista dos diversos fatores condicionantes do comportamento que existem.

Parece razoável, portanto, crer que Deus receberá em Seu reino eterno aqueles que, considerando a extensão da luz que possuem bem como as influências genéticas e ambientais com que tratam, fazem da obediência à vontade de Deus o alvo mais importante da sua vida.

Mas para aqueles que apesar disso crêem que a aceitação de Jesus e a fé nEle anulam toda a influência da obediência, das obras e do comportamento, e provêm um único critério judicial para determinar nosso destino final, a questão é: quanta e que tipo de fé deve ter um crente?

A fé vai desde a confiança simples de uma criança até o angustiado clamor de Jesus: "Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?" Nossa preocupação não deve ser se temos fé ou não. A fé existe num processo contínuo. Ela aparece mais facilmente a pessoas com certos tipos de intelecto e temperamento que a outras. Esse é um fenômeno enigmático, mas indubitável. Mesmo entre os crentes, a fé oscila. Pode crepitar, e em seguida incendiar; pode murchar, para depois reviver. Alguém dentre nós duvida que a fé enfrenta muito menos resistência daqueles nascidos em lares cristãos do que de pessoas nascidas em lares não cristãos? Não poderá Deus levar em conta esse fato, ao julgar por outro padrão que não seja simplesmente fé em Cristo?

Devemos ser cuidadosos quanto a citar um verso ou uma coleção de versos para provar algum ponto. Um único verso ou mesmo muitos versos amontoados juntos podem ser usados para provar heresias. É essencial, então, ao interpretarmos as Escrituras, considerar todos os versos que apoiam um determinado assunto, examinar como estão relacionados entre si, e considerar o seu contexto. O exemplo e os ensinamentos de Jesus podem resolver muitas controvérsias. Seus princípios nem sempre suscitam plena concordância, mesmo entre eruditos conscienciosos e de mente aberta, mas de fato lançam luz sobre as questões e iluminam nossa compreensão.

Esse conceito é especialmente importante quando tratamos com fé e obras. Frequentemente nos agarramos a certos versos convenientes ao nosso gosto teológico enquanto ignoramos ou descartamos versos que desafiam uma visão acariciada. Nenhum de nós está livre dessa tendência.

Paulo e Lutero

Uma observação adicional sobre o antecedente histórico poderia lançar mais luz sobre o assunto da justificação pela fé. Paulo salientou esse tema porque os ju-

deus haviam colocado uma ênfase rígida sobre a letra da lei. E a lei que eles realçavam envolvia detalhes pertinentes a observância de rituais, tendo pouco ou nada a ver com virtudes como amor, bondade e misericórdia. Porventura alguém acredita que Paulo teria escrito como o fez, a respeito da justificação pela fé, se o pensamento teológico dos líderes de seus dias insistisse saudavelmente na importância da fé, do amor e das boas obras? Seguramente ele estava respondendo a uma trágica incompreensão da vontade de Deus para a vida humana.

Ao ressaltar a justificação pela fé da maneira como fez, Paulo estava livrando os novos crentes judeus de uma errônea compreensão teológica alimentada por séculos. Embora aparentemente pudesse estar enfatizando demasiadamente a fé, Paulo estava direcionado para o melhor caminho que levaria a uma reavaliação que ele sabia ser necessária à mentalidade judaico-cristã.

Semelhantemente, Martinho Lutero reagiu à preocupação da Igreja Católica Romana com rituais, relíquias, indulgências, purgatório, invocação aos santos e mariolatria. Se a Igreja Católica houvesse enfatizado a importância da fé, do amor,

bondade, perdão, etc., teria Lutero pregado da maneira como fez? Certamente não.

A ênfase adventista sobre justificação pela fé, muito mais do que o realce dado à obediência específica, pode ser uma forte reação à ênfase legalística tradicional sobre esse aspecto, dada no passado. Uma reação moderada poderia ter sido salutar, mas uma vez mais o pêndulo oscilou exageradamente para um lado. Para muitos escritores e pastores, hoje, a obediência no melhor sentido da palavra é freqüentemente vista como uma nota de rodapé do amor, misericórdia, compaixão e perdão de Deus.

A atual tendência também parece corresponder à propensão teológica pós-moderna protestante de não enfatizar a obediência embora trate do tema do amor e da misericórdia de Deus. Os pastores parecem estar intimamente afinados com a sensibilidade dos membros freqüentadores da igreja.

Qualquer que seja a reação à linha de pensamento apresentada aqui, é inegável que os tempos e as tendências atuais da igreja e do mundo, atualmente, certamente nos chamam para uma cuidadosa reflexão e reavaliação de nossas posições nessa tão freqüentada e crucial arena da teologia e do comportamento.

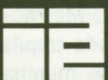
Sobre Tudo Graphic Designers (011) 247-4704



Seminário para Professores de Educação Religiosa, Capelães e Preceptores de Instituições Educativas

16-23/01
2000

Local: Campus 1

I N S T I T U T O
 A D V E N T I S T A
D E E N S I N O

Estrada de Itapecerica, 5859 Jardim IAE, São Paulo - 05858-001

Fone: (011)5821-5000 Fax: (011)5821-7888

Home Page: www.iae-sp.br e-mail: arlis@iae-sp.br

Realização:



IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

Departamentos de Educação
da Associação Geral
e Divisão
Sul-Americana

Estratégia para o século 21

JUAN MILLANAO O.

D.Min., professor no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP



Um ministério local no próximo século somente será completo na medida em que imite o ministério de relacionamentos múltiplos, desenvolvido pela Igreja primitiva, segundo descrito no segundo capítulo do livro de Atos.

Refletir no quádruplo ministério ali mencionado implica estarmos dispostos a experimentar quatro movimentos na vida da igreja local. O primeiro movimento vai da familiaridade à reverência relacionada com Deus. O segundo parte do conhecimento intelectual ao conhecimento com reação afetiva, ou nutrição espiritual. O terceiro movimento vai do individualismo ao companheirismo na comunidade. Finalmente, o quarto movimento é uma espécie de síntese, ou uma conjugação dos elementos anteriores, direcionados ao cumprimento da missão.

Este artigo foi elaborado tendo em mente um pastor e uma congregação locais. Tentaremos fazer uma apresentação sobre como esses ministérios podem operar de forma integrada, oferecendo, em seguida, algumas sugestões práticas.

Da familiaridade à reverência

"Em cada alma havia temor" (Atos 2:43). Temor no sentido de reverência

era uma característica marcante dos primeiros cristãos. Precisamos melhorar nesse aspecto, porque temos demonstrado um certo excesso de familiaridade em relação a Deus. Comumente falamos dEle, na pregação e na música, por exemplo, como se fosse um leão velho, doente, inofensivo, que já foi terrivelmente feroz no passado, mas que agora não oferece perigo. Pode-se até pensar em cavalgar com ele, extrair seus dentes, de modo a não esraçalhar ninguém. Porém, o melhor seria ter cuidado, ficar atentos, pois o Deus sonolento pode despertar, sentir-se ofendido e expulsar-nos para um lugar sem retorno.

Existe uma grave responsabilidade pastoral quanto à atitude de reverência e adoração. Se existe um símbolo do que é sagrado diante da vista e da percepção de uma congregação, esse símbolo é a figura do pastor. É uma tentação chegar a ser "adorado". Contudo, o que Deus pede é que seja rechaçada tal atitude, e declarada nossa humanidade, que não é outra coisa senão nossa necessidade de Deus (atos 10:25). Respeitar o pastor é uma coisa, idolatrá-lo é outra muito diferente.

Necessitamos sentir um santo constrangimento diante de Deus. Poderia ser o caso de morrer em nossas orações? Não por causa de alguma anormalidade física, mas porque Deus a ouviu e veio estar conosco face a face?

De acordo com a Bíblia, as pessoas que viram a Deus face a face nunca mais foram as mesmas, a partir de então. E nós, aparentemente temos reduzido a qualidade de nossa reverência e adoração, nos dias atuais. Estamos falando do amor de Deus como se fosse uma almofada suave, quando na verdade trata-se de um fogo consumidor. O amor em ação é uma coisa diferente do amor em sonhos.

A expressão bíblica "temer a Deus" não é de fácil tradução e compreensão. Contudo, o significado da frase e seu as-

pecto dramático pode ser percebido mediante relatos como o de Ananias e Safira (Atos 5:1-11). Uma leitura desse relato é suficiente para concluir que Deus não é um leão velho, cansado e doente, mas um Deus poderoso e zeloso que requer nosso amor e obediência em amizade, sem irreverente familiaridade. Devemos experimentar uma transição na manifestação de nossa reverência e de nossa adoração: de Cristo o Salvador, para Cristo o Senhor.

A operação dessa dinâmica pode ser aprendida e ensinada mediante a Bíblia. O relato de Atos 8:26-40 nos informa que o etíope voltava de Jerusalém, onde foi adorar, sem entender as Escrituras que com singular empenho continuava lendo. É possível para muitos adoradores contemporâneos que a Bíblia e sua mensagem também continuem sendo ininteligíveis.

Na adoração, expressamos a Deus nosso reconhecimento a Sua infinita glória e dignidade. A reverência nos eleva até o Altíssimo e facilita nosso relacionamento com Ele. Quando na verdade adoramos e reverenciamos a Deus, estamos em condições de partilhar um conhecimento de primeira mão.

Atos 2 nos ensina a ser reverentes e isso está intimamente relacionado com outra atitude: perseverar na doutrina, alimentar espiritualmente o rebanho mediante a Palavra de Deus.

Do intelectual para o afetivo

"E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações" (Atos 2:42).

O pastor tem como uma de suas mais importantes funções o alimentar o rebanho com a Palavra de Deus. E uma das mais poderosas ferramentas de que dispõe para isso é a pregação, muito relevante para esse propósito, em virtude de que um aspecto de sua natureza é o ensino.

O único pregador digno de ser ouvido é aquele que está envolvido com um san-

to entusiasmo pelo que diz. O primeiro passo na pregação é viver o conteúdo do que se proclama. Sem negar a importância do conhecimento bíblico e do conhecimento teológico, esses por si mesmos não são suficientes na pregação efetiva. Sempre foi assim, e parece ser mais importante hoje, em nossa era saturada de informações. Na verdade, o conhecimento pode chegar a ser apenas outra adição. O povo está buscando algo com poder, que lhe sustente a vida. E sabe que o encontrou quando o escuta, como uma voz real, não simplesmente como a que é ouvida ao telefone.

Por isso, o pregador deve falar com o coração, com o mesmo sentimento com que expressa congratulações a alguém, ou

faz uma oração junto ao leito de dor. Não se trata de dramatização, muito menos gestos delicados. É dizer algo que é realmente importante para si mesmo e para os ouvintes. O preço de tal pregação efetiva é avaliado pelas muitas horas de sono e preocupação. Colocar em ordem um sermão desse tipo significa mais que intenso trabalho físico.

O melhor que podemos fazer nesse sentido é nos rendermos a Deus e transmitir a outros o resultado dessa experiência. É imprescindível não mentir. Causamos grande prejuízo às pessoas quando lhes dizemos que as coisas são mais fáceis do que realmente são. Elas até gostariam de acreditar nisso, mas têm experiência própria. O resultado é que apren-

derão a manter-se separadas de nós pelo resto da vida.

As pessoas ouvem com o intelecto nossas doces palavras, sábado pela manhã, e, no dia seguinte, voltam ao trabalho e para o dia-a-dia, tratando de sobreviver o melhor que podem. O sermão precisa iluminar a sua vida; por isso, quanto mais dissermos a verdade sobre a experiência humana, do ponto de vista bíblico, melhor será. Conhecimento, afetividade e entusiasmo são palavras-chaves para recuperar as conexões entre todos (com Deus, conosco, com os membros, etc.).

Estamos falando de uma pregação que vem do interior, do coração, tanto da mente, que descreve a vida de maneira que os ouvintes possam reconhecê-la. Se não



podem confiar em nós quando falamos sobre as coisas da Terra, como nos crerão quando lhes falarmos das coisas celestiais?

Não há dúvida sobre o conteúdo afetivo de Atos 2, um exemplo que só pode ser imitado ou reproduzido com afeto. O cristianismo de Cristo não é apenas conhecimento, mas também emoções. De outra maneira, não é possível amar a Deus e ao próximo. No milênio que se aproxima, o mero conhecimento intelectual acerca de Deus poderá não ser tão convincente na pregação, mas o conhecimento com reação afetiva, sim, dará resultados compensadores.

Além disso, a nutrição espiritual deve ser dosada. Ellen White, entre outros conselhos, escreveu que "discursos compridos são exaustivos para o orador e exaustivos para os ouvintes que têm de ficar sentados tanto tempo. A metade da matéria apresentada seria de maior benefício para o ouvinte... O que é apresentado na primeira meia hora tem maior valor..." – *Testemunhos para Ministros*, pág. 256. Ela ainda acrescentou que pregar pouco facilita a obra do Espírito Santo, e criará nos ouvintes o desejo de voltar para ouvir mais de Deus (págs. 257 e 258).

Quando a igreja adora em santa reverência e é alimentada mediante uma pregação entusiasta, criam-se as condições para um saudável companheirismo na congregação. Enquanto com a perseverança na doutrina nutrimos as relações com Deus e com o próximo, é no companheirismo onde a igreja funciona como um corpo. Exercita-se o amor e a unidade, incluindo a edificação, a preocupação mútua.

Do individualismo ao companheirismo

"Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração." (Atos 2:44-46).

Muito freqüentemente nosso ministério e nossa pregação refletem um modo de tratar a congregação como uma coleção de indivíduos. Como resultado, nos dirigimos a condutas individuais, fé individual, temores individuais. Supomos que esse tratamento seja um esforço para conseguir o sentido de que "falamos diretamente" à pessoa. Assim, o membro recebe o ali-

mento espiritual na igreja e vai enfrentar o mundo que é competitivo e fraturado. O mundo é assim porque está baseado em princípios atomísticos, que tratam as pessoas como máquinas. No mundo atomístico nada é maior ou menor que a soma de suas partes.

A igreja conhece outra realidade, na qual um mais um é o começo de algo que está além de todo cálculo e que a unidade de construção do Universo não é outra senão "onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome...". Então, nossa principal ocupação com o próximo século deveria ser o relacionamento, uma experiência que não estanca a comunhão do indivíduo com Deus. Nossas boas-novas são que Deus nos relacionou uns com os outros mediante Sua Palavra e mediante um ato de amor que tem infinitas conseqüências, incluindo o cumprimento da missão.

Somos um corpo, quer atuemos como tal ou não. Pertencemos a uma rede que se prolonga através do Universo, unindo-nos a tudo o que é visto e não visto. Meu verdadeiro nome não é "eu", mas "nós". Só existe um "Eu" no Universo – o grande Eu Sou –, que conforme acreditamos forma uma Trindade. Se essa doutrina somente nos ensinasse que Deus vive em relacionamento, já seria suficiente. De fato, a Trindade é o exemplo maior da Igreja cristã para a experiência da unidade na diversidade.

Essa mudança de perspectiva deve acontecer primeiro na mente do pastor, que precisa ver a personalidade da congregação como algo mais que simplesmente personalidades na congregação. Isso pode ocorrer mediante um processo formal chamado análise congregacional. Também pode acontecer através de observações informais. Podemos perguntar aos novos assistentes sobre a primeira impressão que tiveram, ou observar se os líderes trabalham em equipe ou não.

Baseados em tais observações, podemos reforçar a atitude de oferecer à congregação imagens de si mesma na comunidade, não como uma coleção de indivíduos, mas um corpo com uma palavra a dizer e um trabalho a realizar. Ellen White escreveu que "embora seja uma verdade que o Senhor guia os indivíduos, é também verdade que Ele está conduzindo o povo, e não alguns indivíduos separados aqui e acolá." – *Testemunhos para Ministros*, pág. 488.

É possível aprofundar o sentido comunitário de uma congregação mediante a narração de experiências vividas por ou-

tros grupos, não apenas étnicos religiosos ou socioeconômicos, mas também as comunidades vivas e vizinhas. Qual a última vez em que você pregou um sermão que envolvesse as comunidades científica, de negócios ou de arte? A linguagem desses grupos pode ser diferente da nossa, mas Deus está ocupado com todos eles. Não é estranho que a Igreja Adventista faça um trabalho em favor de deficientes físicos, militares, árabes, judeus e outros grupos. Deus está fazendo conexões com todas as comunidades e, de maneira significativa, unindo-as à Igreja, ainda que ela não esteja totalmente preparada. Deus realiza as conexões entre o que elas fazem e o que nós fazemos, de maneira a dirigir-nos para um sentido de plenitude.

Na experiência de adoração e reverência, nos relacionamos com Deus. Mediante a doutrina, alimentamos essa relação. Com o companheirismo, nos relacionamos com nós mesmos e com o próximo. Mas é na missão onde estendemos esses relacionamentos aos não alcançados.

Tudo pela missão

"... Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos" (Atos 2:47).

Por que Lucas deixou esse aspecto para o final da seção, neste capítulo? Parece que o arranjo literário está a serviço de uma intencionalidade teológica. Existem várias possibilidades: primeira, este quarto aspecto pode ser conseqüência natural dos três anteriores, que seriam pré-requisitos ou condições. Segunda, Atos 2:42-47 poderia estar nos revelando que os três primeiros ministérios não existem em função do quarto, mas cada um deles age em sua esfera, e existe em seus próprios méritos ou, melhor dito, numa moldura estabelecida por Deus.

O capítulo 2 do livro de Atos diz o que fazer e como fazê-lo. Propõe uma seqüência, uma progressão, uma unidade indivisível de ministérios na Igreja. Aparentemente, Deus nos orienta a realizar por instrução divina o que estamos fazendo por intuição, sensibilizados pelas necessidades concretas das pessoas.

"Acrescentava-lhes o Senhor..." é uma afirmação que sempre suscita interrogações. Por exemplo, em que base Deus promove o crescimento da Igreja? Temos dado muitas respostas, tantas como os métodos de evangelização criados. Mas seria isso apenas uma questão de métodos? Ou seria mais uma questão de quatro ministérios interagindo numa determinada congrega-

ção? Parece que a resposta correta encontra-se no próprio contexto. Quando Deus é reverenciado e adorado; quando o rebanho é alimentado; quando o próximo é atendido, a avaliação divina será positiva, e, conseqüentemente, Ele acrescentará pessoas.

Em Atos 2, Deus parece dizer-nos que a Igreja não existe apenas para os que estão convencidos e convertidos. Ele espera muito mais. Os quatro ministérios também estão a serviço do evangelismo, isto é, devem conquistar pessoas para Cristo, levar pecadores aos pés de Cristo e à comunhão com os santos na comunidade cristã.

"Acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia...". Significa isso um templo aberto diariamente para ministrar à comunidade? É possível. E mais ainda, creio que é factível. Um presidente de Campo, em meados dos anos 80, acabou não sendo reeleito para a função. Em algumas culturas, isso poderia representar "castigo", "fim de carreira", etc. Mas ele resolveu ministrar à comunidade cada dia da semana. Assumindo um distrito, decidiu torná-lo um modelo de ministério cristão. Alguns outros pastores iam ao seu encontro, mensalmente, para ter reuniões de aprendizado e inspiração. E podiam observar muito dinamismo, entusiasmo e vida; pessoas entrando e saindo do templo, assistindo a cursos bíblicos, conferências e recebendo estudos pessoais. E batizando-se no final do ano. Não se tratava de vida coletiva como a de uma colméia. Era vida social, companheirismo, amor cristão. Era o cumprimento de Atos 2 e, de passagem, um melhor resultado entre o custo de construção de um templo e seu benefício.

Está evidente em toda a Bíblia e em cada um de seus personagens: não se pode procurar um atalho no relacionamento com Deus, para se chegar rapidamente a realizar alguma coisa. É impossível ignorar o caminho da santificação, do relacionamento com Deus, e pretender-se cumprir a missão.

À página 52 do livro *Obreiros Evangélicos* está escrito que "no meio de uma vida de ativo labor, Enoque manteve constantemente sua comunhão com Deus. Quanto maiores e prementes eram seus labores, tanto mais constantes e ferventes eram suas orações". Quanto mais trabalho realizava, mais sólida comunhão com Deus Enoque procurava manter. Isso parece razoável, mas a certa altura ele parecia prejudicar seu ministério, ao afastar-se das pessoas para um lugar separado. Enoque sabia que o caminho da relação com Deus estava ali para ser transitado.

Como podemos medir a atitude de Enoque? Ninguém duvida que Sua vida foi marcante. Tanto é assim que ainda hoje falamos a seu respeito. Enoque andou com Deus. Quando isso é ignorado, é comum que o objetivo seja alcançar certo tamanho geográfico do Campo ou crescimento quantitativo da igreja local. Atos 2 nos fala, antes, da qualidade de amor a Deus e ao próximo (pecadores arrependidos ou impenitentes). Depois, as conseqüências são inevitáveis.

Para refletir

O que parece evidente é que os quatro ministérios existem em seus próprios direitos, nenhum sendo mais importante que o outro.

Atos 2 apresenta a relação de causa e efeito. Aparentemente os três últimos ministérios dependem de uma atitude de adoração e santa reverência a Deus. Um pastor não pode, à luz do capítulo, engolir a pilula do conformismo e dizer: "não sou bom pregador nem bom professor; minha área é o aconselhamento e a construção de templos." Embora cada indivíduo seja mais forte em determinadas áreas do que em outras, cada pastor pode começar e sustentar seu ministério centralizado em Deus. Especificamente, com a Bíblia na mão, na mente e no coração. Todo aquele que recebe um salário proveniente do santo dizimo tem o privilégio e o tempo necessários de ler, estudar e meditar sobre a Bíblia. Essa não é uma opção na Igreja, mas um imperativo divino. Uma visão inteiramente nova de Deus trará em sua esteira uma nova visão de companheirismo, nutrição espiritual e missão.

Conseqüentemente, o próximo século demandará dos pastores e administradores eclesiais uma visão integral do ministério, e dos quatro principais ramos de atividades de uma congregação, anteriormente expostos. Requer-se um equilíbrio individual e corporativo. Nesse contexto, Atos 2 também parece prover uma medida de avaliação na Igreja em geral. Uma avaliação não para julgar pessoas, mas para descobrir como melhorar nossa adoração e nosso serviço prestado a Deus.

A obra da pregação será terminada no mesmo poder que foi iniciada. Surgirão novos métodos de trabalho que devem ser apoiados. Entretanto, devem permanecer inalterados os quatro princípios que caracterizam o ministério de uma congregação, conforme vimos. Atos 2 provê um caminho para relacionar uma igreja local com o grande princípio da comissão de Mateus 28:18-20.

Aparentemente as pessoas não estão buscando uma instituição à qual unir-se, tampouco uma religião tradicional. Elas parecem buscar uma religião de coração. E Atos 2 nos apresenta esse tipo de religião, fundamentada em relacionamentos: relação com Deus, com o próximo, com a Palavra e com os pecadores. Isso requer uma congregação preocupada não apenas com sua identidade e suas tradições, mas também com as necessidades das pessoas as quais pretende alcançar com o evangelho. Os quatro serviços expostos no segundo capítulo do livro de Atos formam um corpo sensível a essas necessidades.

A aplicação dos princípios ali enunciados é algo extremamente necessário para um ministério efetivo no próximo século. Se você está ministrando com poder e numa igreja viva, produtiva, sem problemas, não precisa levar muito a sério este artigo. Contudo, se crê que algumas de suas congregações necessitam de alguma dose de reavivamento e maior produtividade, deve concordar comigo no sentido de que a Igreja de Atos 2 é um ideal que, pela graça de Deus, pode ser alcançado.

O grande desafio é como podemos aplicar os quatro ministérios ao mesmo tempo. O relato não transmite a impressão de que fossem aplicados um por um, cada ano. Não havia ênfase unilateral num ou noutro. Simplesmente eles traduziam o estilo de vida diário da Igreja primitiva. Um estilo que não foi colocado em prática como resultado ou resposta a um voto da Comissão Administrativa. É evidente que a aplicação simultânea desses princípios requer habilidades de liderança e de caráter administrativo.

Falar em colocar em prática um dos ministérios, isoladamente, é colocar em perigo os outros três e a saúde eclesial. Podemos pensar analogamente nesses princípios, baseados em Tiago 2:10 que afirma ser o desobediente a um dos mandamentos culpado da desobediência de toda a Lei.

Aplicar Atos 2 a nosso ministério significa seguir o modelo deixado por Cristo. Em João 15:1, encontramos o relacionamento com Deus. Nos versos 4 e 5, temos a permanência nEle. Nos versos 12-14, encontramos o companheirismo em Cristo. E, finalmente, no verso 27, achamos o testemunho e a missão do cristão. Atos 2 é o cumprimento e o desenvolvimento ampliados de João 15. As duas passagens são o desenho divino para a pregação do evangelho e a terminação da Obra de Deus na Terra.

Geraldo Gomes de Oliveira

MOISÉS S. NIGRI

Ex-vice-presidente da Associação Geral da IASD, jubilado, reside em Santo André, SP



Divulgação



A.F.C.

Pastor Geraldo Gomes de Oliveira

Li, entre surpresa, consternado e compreensivo, na seção "Falecimentos" da *Revista Adventista* (maio/99), que um grande amigo meu, e muito mais amigo do Senhor Jesus Cristo, poderoso pregador, diligente pastor, herói da fé cristã adventista, o Pastor Geraldo Gomes de Oliveira, faleceu aos 85 anos de idade. O desfecho se deu no Centro de Convivência para Idosos, no bairro Capão Redondo, da capital paulista, ao lado do Instituto Adventista de Ensino, antigo Colégio Adventista Brasileiro, onde o conheci em 1935, quando ali cursamos a Faculdade de Teologia.

Foi então que começou uma amizade pessoal, depois um companheirismo ministerial e, mais tarde, minha grande admiração por esse homem cristão e adventista convicto, que se tornou um destemido pastor de almas, discutido, mas valente na disseminação do evangelho. Diria ter sido ele um moderno apóstolo Paulo, desbravador, corajoso e inspirador de quantos trabalharam com ele, e de milhares que o conheceram; pessoas as quais ele conduziu a Cristo por meio de suas vibrantes campanhas evangelísticas.

Algumas informações rápidas a respeito da sua vida inspiradora ajudarão o lei-

tor a apreciar esse homem de Deus que quase morreu ignorado. O Pastor Geraldo Oliveira foi alguém que se desgastou junto com a esposa na seara do Mestre, e que faz jus a esta homenagem póstuma, para ânimo, conforto e exemplo daqueles que ainda mourejam na busca de súditos para o reino de Deus, e dos milhares que enchem as igrejas que ele fundou com o seu trabalho.

Poucos de sua geração fizeram tanto quanto ele, em favor da Causa do Salvador Jesus. Jamais exerceu cargo administrativo porque preferiu dedicar-se de corpo e alma, ao evangelismo público e pastoral, na linha de frente da batalha.

A chama da verdade adventista que já brilhava no lar de sua juventude, num sítio da cidade de Extrema, sul de Minas Gerais, levou Geraldo Gomes de Oliveira a buscar no então Colégio Adventista Brasileiro o sonho de sua vida, ou seja, tornar-se um pastor evangelista. Ele o conseguiu, em 1939, ao formar-se no curso teológico. Casou-se com Linda Talvik, a filha única da "Dona Maria", de origem européia, e, naquela época, a matrona do colégio.

Linda foi uma esposa dedicadíssima, amorosa, competente, muito ativa, inteli-

gente e perspicaz. No entanto, o **que** marcou mais profundamente sua vida de esposa, foi o fato de ter sido a companheira inspiradora e inseparável no trabalho do Pastor Geraldo. Em qualquer lugar para onde ele se dirigisse, lá estava ela com sua marcante presença ajudadora.

Geraldo, de origem mais humilde e sem aquele toque mais fino característico da personalidade de Linda, era, porém, de uma inteligência rara e invejável; além de ser perseverante nos estudos e corajoso no trabalho. Sempre aceitou os chamados mais difíceis que lhe foram feitos, dirigindo-se a lugares para os quais outros temiam ir.

Foi assim que evangelizou as tórridas cidades de Cuiabá e Corumbá, no antigo Estado de Mato Grosso. Numa campanha evangelística em Corumbá, ele fritou um ovo na calçada da rua, tal o calor que ali reinava!... Mas havia calor também nas suas mensagens e conferências. Tudo ele fazia motivado por seu amor a Cristo, às almas sinceras que buscavam a salvação e em obediência ao "Ide" do Senhor. Tal foi o seu andar com Deus. Deixou-se queimar e dirigir pelo Senhor, que dignou-Se usá-lo de maneira extraordinária. Tornou-se o popular "Pastor G.G."

Geraldo Oliveira era tão dedicado aos estudos que, no colégio, recebeu a alcunha de "Adão Clark", por levar consigo sempre o comentário bíblico do referido autor. Tornou-se um conhecedor das massas e conseguiu cerca de dez mil pessoas a Cristo. Se é verdade que no Céu nossas coroas terão tantas estrelas quantas almas ganhadas para Deus, a minha coroa será bem mais humilde que a do meu amigo Geraldo.

Itinerante como o apóstolo Paulo, tornou-se um grande desbravador de vilas e grandes cidades, fundando igrejas em profusão pelo Brasil, especialmente na região de Mato Grosso e Goiás até o Rio Grande do Sul, além das populações luso-brasileiras dos Estados Unidos, onde estudou e trabalhou durante um período de sua vida.

Nem sempre teve sucesso considerado retumbante nas aproximadamente 60 campanhas realizadas, mas as inúmeras igrejas por ele estabelecidas dão ainda um testemunho eloqüente do poder que Deus lhe concedeu. Era valente, estudioso da Palavra e forte na prática da oração.

No dia final, com certeza, receberá de Jesus "a imarcessível coroa da glória" (I Ped. 5:4)

Implicações morais da criação

MARCELO TORRES

Pastor e professor no Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, Cachoeira, BA



Muito se tem discutido a respeito das teorias criacionista e evolucionista. Podemos dizer que a argumentação de ambos os lados começa e conclui no âmbito do desconhecido, daquilo que não se pode provar cientificamente. Assim, restamos argumentar em torno do aspecto moral das duas teorias. Que espécie de ética têm elas a oferecer? Qual delas tornaria o mundo melhor e elevaria a qualidade de vida do ser humano? Que implicações morais possuem, afinal, as teorias criacionista e evolucionista?

As respostas a essas perguntas dependem de como o homem é visto tanto pelo criacionismo como pelo evolucionismo; o que traz à baila outras perguntas, tais como: "De onde veio o homem?", ou "para onde vai o ser humano?"

Na teoria evolucionista entende-se que o homem veio de formas inferiores de vida; ele teve sua origem nas espécies primitivas que tendo experimentado várias mutações, em milhões de anos, geraram as espécies desenvolvidas existentes na atualidade.¹ Porém, segundo a teoria da criação, o homem tem origem superior; foi criado à imagem e semelhança de Deus



(Gên. 1:27), como a coroa da criação. Uma vez que as visões antropológicas nas teorias criacionista e evolucionista di-

(Gên. 1:27), como a coroa da criação.

Uma vez que as visões antropológicas nas teorias criacionista e evolucionista di-

ferem radicalmente quanto à origem do homem, alguns valores morais do cristianismo estão sendo questionados e até abandonados, embora sejam valores que deveriam nortear a vida e o relacionamento humanos. Justamente porque eles garantem um viver de qualidade e perspectivas elevadas, nos ocuparemos de sua análise, neste artigo.

Homens e animais

Se compararmos as estatísticas atuais com dados colhidos dez anos atrás, veremos um declínio da moralidade, cujo índice pode ser considerado inversamente proporcional ao do crescimento da cultura científica. Quanto maior o progresso da ciência, maior o declínio moral.

Da narrativa bíblica da criação especial da vida por Deus, extraímos vários princípios morais dignos de reflexão. Um dos primeiros postulados que interessam à moral, no relato criacionista, é a distinção clara que a Bíblia faz a criação do homem e a dos animais irracionais. Embora as Escrituras afirmem que tanto o homem como os animais sejam seres vivos, o homem foi feito de forma individual, enquanto os animais foram criados coletivamente e sem características pessoais.²

"A vida dada por Deus aos animais os fez seres conscientes, em troca, ... ao homem o fez um ser autoconsciente, o animal chegou a tornar-se um ser com determinação, em troca, o homem um ser com autodeterminação. O animal não tem juízo, nem raciocínio nem idioma para comunicar-se. Não tem idéia nem do espaço nem do tempo, nem conhece a diferença entre o bem e o mal... O homem, em troca, possui todas essas qualidades juntamente com a capacidade moral que pode exercer em plena liberdade."³

Diante dessa diferença, ressalta-se o

contraste com a idéia evolucionista de que o homem origina-se dos animais. Caso fosse realmente assim, que compromisso teria o homem para desenvolver todas as habilidades superiores que lhe são inatas? Certamente, não mais do que os irracionais têm de seguir o próprio instinto. Segundo os evolucionistas, os animais usam a capacidade para dominar, sobreviver e garantir a perpetuação da espécie. Caso aconteça o mesmo com o ser humano, abre-se então uma brecha para o pensamento da concorrência desleal, a despreocupação com o sofrimento alheio, além da justificativa para o domínio de alguns em detrimento de outros. Um conceito perigoso da evolução pela seleção natural.

Em contrapartida, se o paradigma da criação do ser humano distinto e superior aos animais for mantido, o homem tem o dever moral de usar todas as suas faculdades, não para domínio dos semelhantes, mas para o prolongamento da harmonia do planeta em que foi colocado.

Consciência ecológica

Um escritor evolucionista afirmou que a idéia do homem como ser superior é que o faz explorar e destruir a Terra, enquanto que a idéia da evolução contribui para que ele se sinta um com a natureza e os animais.⁴ Nota-se clara e imediatamente a falta de compreensão da visão bíblica do domínio concedido ao homem. Quando o texto de Gênesis 2:15 afirma que o homem foi colocado no Éden para o guardar, expressa justamente o contrário da idéia de domínio predador.

"O verbo guardar (do hebraico *shamar*) significa vigiar, reter firmemente, perseverar. Toda vez que o homem se desinteressa de sua morada se autodestrói... Se a perfeição está estreitamente vinculada com a missão do homem, muito mais o estará em relação com sua conduta."⁵

Ao lado dessa correta interpretação do papel humano frente ao ambiente em que foi colocado, destaca-se a manutenção da vida em todos os seus níveis, uma forte ênfase ecológica, tão buscada pela ciência pós-moderna na consciência de cada indivíduo. Essa idéia complementa-se no aspecto do trato com o semelhante.

O homem e o próximo

O peso da afirmação de que o homem foi originado por um ato divino, e que todos os seres descendem de um tronco comum, é de profunda importância para a vida em comunidade. A consciência do valor do próximo, do espírito

de fraternidade, não pode ser inculcada no homem através da teoria evolucionista que prega a sobrevivência do mais apto e a luta de classes.

Esse entendimento também é fundamental para dirimir o pensamento de que o criacionismo apoia o capitalismo selvagem, por sustentar o domínio do homem sobre a Terra. Pelo contrário, o princípio da irmandade por criação determina que ninguém explore ninguém. Mas que o homem promova o bem-estar de seus irmãos.

Trabalho

A idéia de trabalho útil igualmente está sugerida na criação do homem (Gên. 2:15), uma vez que Deus o pôs no jardim para o guardar e lavar. Enquanto conceitos evolucionistas sociais insistem que o trabalho teve papel na humanização do macaco, a Bíblia coloca o trabalho como parte da personalidade humana, no momento de sua criação. Essa consciência de utilidade produtiva é importante para uma época em que a ociosidade está em alta.

Na criação, o homem é um ser operoso não por mera necessidade de sobrevivência, mas porque o trabalho deveria ser encarado como um deleite, um privilégio como o seria comer, beber, etc.

Casamento e família

Não se pode falar acerca de valores morais sem tocar nos assuntos de família e sexo. Qualquer valor moral de uma sociedade vai depender de como ele é considerado no lar, que é a célula da comunidade.

Na criação, o homem recebe uma mulher, a qual não lhe é inferior, nem superior. "A palavra *zer*, que se traduz na Bíblia como auxiliadora, nunca é usada para designar uma auxiliar subordinada... destaca mais uma capacidade de auxiliador."⁶ O padrão para a relação do homem com a mulher é encontrado na relação Deus-homem, onde o próprio Deus é considerado auxiliador do homem (Sal. 146:5-10).

Com essa idéia, muita confusão desapareceria da sociedade. Não haveria necessidade de lutas, explorações e preconceitos entre pessoas de sexo diferente. Também seria banida a poligamia, resgatando assim o valor feminino nas sociedades machistas. Muitos males morais de nossa sociedade começam em um lar no qual não é entendida essa harmonia designada pelo Criador. Entre esses males, poderíamos enumerar as famílias desfeitas,

os filhos abandonados, a delinqüência juvenil, o alcoolismo.

Para o evolucionismo, o sexo não é algo que foi criado por Deus e degenerado pelo pecado. O sexo é, antes de tudo, um instinto que existe no ser humano e que promove a disseminação de genes favoráveis. Portanto, não há adultério, fornicação ou qualquer outro ato imoral. Por isso, o sexo é comercializado, divulgado e explorado de diversas formas. Muitas crianças crescem em lares quebrados e manchados pela infidelidade conjugal. Debates em programas de televisão, envolvendo adolescentes sexualmente ativos, falando de suas aventuras, têm alcançado elevados níveis de audiência.

Saúde

Gênesis 1:29 já apresenta a preocupação do Criador com um regime alimentar modelo, o que nos leva à consciência de autopreservação. O cuidado com a saúde tem sido grandemente enfatizado no ensino bíblico, tendo como base o princípio de que o corpo humano precisa e deve ser conservado o mais saudável possível, uma vez que é o templo do Espírito Santo (I Cor. 3:16 e 17; 6:19).

Dessa forma, afastam-se quaisquer tendências ascéticas ou degenerativas, como uso de drogas, tabagismo, e outras práticas não salutares.

Queda

Com seqüência ao relato da criação, o livro do Gênesis mostra o surgimento do pecado no mundo. Essa é uma premissa difícil para os evolucionistas aceitarem, considerando-se que não acreditam em um Deus pessoal com valores morais. Se não há Deus, não houve criação, tampouco existiu algo como a queda do homem. Com isso em mente, eles atacam todos os conceitos morais e doutrinários do cristianismo. Trata-se, aliás, de uma corrente seguida por várias disciplinas do pensamento humano.

"Certas escolas de Filosofia e Psicologia insistem em que a concepção do pecado é ilusão; que não há tal coisa como pecado, no sentido em que o cristianismo bíblico o compreende, isto é, como anarquia moral, e como a razão da consciência de culpabilidade."⁸

Apesar da insistência do evolucionismo no sentido de que a noção de pecado advém de resquícios de uma natureza animal na etapa anterior da evolução do homem, o criacionismo insiste em que este possui uma consciência moral que começa no interior, e essa consciência

moral não é percebida nos animais. Entretanto o maior problema de negação do pecado é que com tal atitude a noção de uma regra moral objetiva é lançada por terra. Caímos assim numa moral circunstancial, presa ao subjetivismo, que pode levar à anarquia ou ao individualismo egoísta.

Perspectiva futura

Pelo relato da criação e queda do homem, ele perdeu sua condição superior e, desde então, vive um processo de involução. Tal pensamento cria a prerrogativa de que o ser humano deve lutar por reaver aquele estado de superioridade pré-lapsariana, o que pressupõe uma perspectiva de regeneração. De acordo com o plano divino para o homem, especialmente com a inferência de resgate, presente em Gênesis 3:15, o criacionista aguarda e vive em função de uma época em que será restaurado ao padrão de perfeição possuído por seu primeiro ancestral. Isso gera um sistema de conduta moral ligada a essa esperança, e que é incentivada em toda a Bíblia (Heb. 12:1-3; II Ped. 3:19-22).

Sem dúvida, a teoria evolucionista não prevê qualquer futuro parecido, senão a sobrevivência do mais apto. Essa crença, entretanto, não promove qualquer melhoria no comportamento moral de quem por ela se deixa nortear.

Auto-estima

A menção de que o homem foi feito à imagem de seu Criador confere especial sentido à vida. Contribui para uma auto-estima profundamente positiva, promovendo uma conduta moral superior.

O sentido bíblico para essa imagem é amplo, mas pode ser resumido como segue: "capacidade de relacionar-se com o Criador... com os semelhantes..., capacidade espiritual de discernir entre o bem e o mal..., capacidade de compreender sua missão... e diferença dos animais, ... e com liberdade de decidir."⁹

Consciência de Deus

De todas as implicações que a crença na criação especial pode suscitar, acreditamos que a de maior poder de influência é a constante consciência da presença de um Deus pessoal e interventor na história humana. Para que essa consciência se desenvolvesse, o Criador elaborou um memorial, o repouso sabático (Gên. 2:1-3), o qual serviria não apenas como um vocativo do Deus Criador, mas como um elemento de motivação na fraternidade dos seres humanos.

O descanso sabático relembra sempre que existe um padrão moral objetivo, fora do homem, superior a ele em desígnio, propósito e efeitos. Isso nos leva ao quarto mandamento da Lei de Deus (Êxo. 20:8-11), onde a santificação desse memorial da criação é mencionada. Como tal, o sábado relembra e promove o dever do homem quanto aos três primeiros mandamentos do decálogo, referentes ao trato com Deus, como onipotente e único Criador. Ao mesmo tempo reflete nossa disposição frente ao semelhante, referida nos seis mandamentos seguintes, lembrando-nos que o homem é irmão do homem, procedem de uma mesma origem, têm um parentesco divino.

Assim, a consciência de um Deus pessoal contribui para que o homem desenvolva na vida prática as virtudes do Seu caráter, expressas na ordem e beleza da criação e no padrão de princípios objetivos expostos no decálogo.

O melhor caminho

Ao analisarmos a derrocada moral da sociedade moderna, em comparação com os objetivos morais derivados da aceitação do criacionismo originado em um Deus real, inevitavelmente chegaremos à conclusão de que, mesmo se o criacionismo não tivesse suficiente evidência científica para sustentar seus credos, apenas por suas implicações morais já seria imprescindível à vida humana.

Ademais, a teoria de uma criação especial responde às inquietações de origem, propósito e sentido da existência. Procedemos de um Deus inteligente, pessoal e moralmente puro; fomos criados à Sua imagem, para refletir o Seu caráter no trato com a natureza e o semelhante. Além disso, caminhamos rumo à recuperação de nossa condição edênica, onde desfrutávamos perfeição. Em suma, viemos de Deus, vivemos por Ele, e caminhamos para Ele.

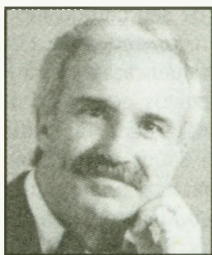
Referências:

- 1 Harold G. Coffin, *Creation: Accident or Design?* Washington D.C., Review and Herald Publishing Association, 1939, pág. 399.
- 2 Mario Veloso, *O Homem, Pessoa Vivente*, Brasília, Alhambra, 1981, pág. 52.
- 3 Augustus H. Strong, *Systematic Theology*, Westwood, NJ, Gleaming H. Revell, 1907, págs. 465-476, in Mario Veloso, *Op. Cit.*, pág. 53.
- 4 Gould, 3.
- 5 Mario Veloso, *Op. Cit.*, pág. 58.
- 6 Idem, pág. 61.
- 7 Ibidem.
- 8 Turner, 155.
- 9 Mario Veloso, *Op. Cit.*, pág. 113.

Como tratar distúrbios emocionais

GEORGE F. GIBBS

*Capelão do Hospital Harding,
Worthington, Ohio, Estados Unidos*

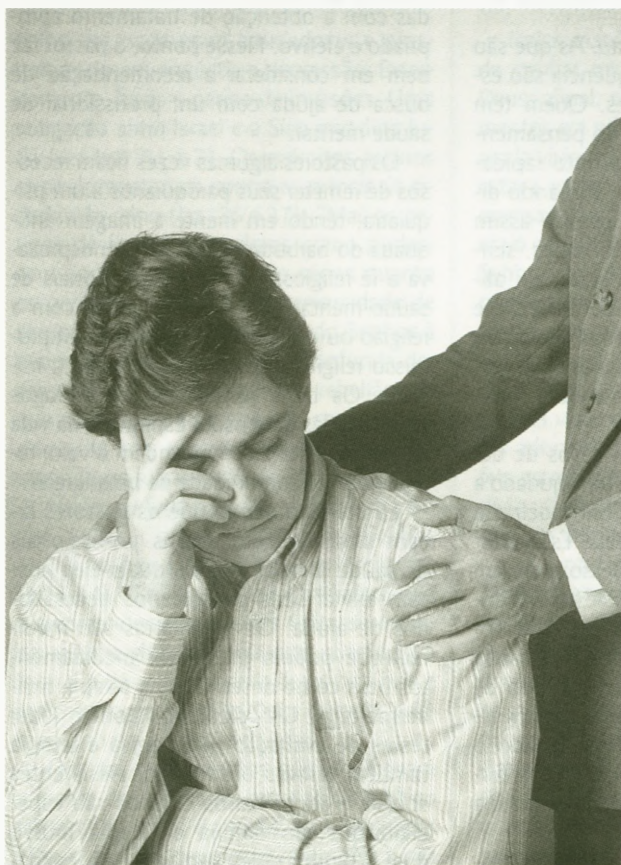


Muitos pastores concordam que sua primeira preocupação deve ser o cuidado da alma humana e da avenida dessa alma, que é a profunda fonte e origem de tudo o que nos torna humanos, ou seja, a mente. Segue-se, então, que os pastores não podem permanecer indiferentes à saúde mental dos membros de suas respectivas congregações.

Tenho ouvido dizer que uma pessoa possuidora de verdadeira e inabalável fé não deveria sofrer angústia mental; que se uma pessoa orar e confiar plenamente em Deus, ela poderá ficar livre de depressão, ansiedade e confusão emocional. Embora a oração e a fé sejam indubitavelmente parte de qualquer programa para boa saúde mental, às vezes podem não ser o bastante. Quando uma pessoa sofre alguma doença mental, sua habilidade para lidar com o recurso da fé fica comprometida. Os pensamentos podem se deteriorar em direção de intenções suicidas ou outros comportamentos autodestrutivos, que são profundamente incompatíveis com um sincero comprometimento espiritual já esposado.

Desordens mentais comuns

O fato é que problemas de saúde mental também atacam pessoas de fé. Embora



os pastores de congregações não devam necessariamente praticar a psiquiatria, eles deveriam ter suficiente conhecimento, o mínimo para assistir de maneira eficaz aos membros que enfrentam problemas de saúde mental. Esses problemas são distribuídos em quatro extensas categorias, examinadas a seguir:

Depressão e alterações de humor. Esse tipo de desordem mental é o mais provável de ser encontrado. Algumas vezes as pessoas afirmam que sofrem depressão apenas quando são desencorajadas ou infelizes. Mas a depressão clínica é uma condição debilitante específica, que prejudica relacionamentos familia-

res, atividade profissional, apetite, sono, concentração, capacidade de tomar decisões, e o interesse sexual. Pode também gerar pensamentos suicidas.

Freqüentemente as pessoas relutam em buscar ajuda para vencer a depressão, imaginando que o problema não é tão grave, que são capazes de superá-lo sozinhas, ou temendo que abrir o coração represente expor sua fraqueza. Em tais situações, os pastores podem ser tentados a dizer-lhes simplesmente que elas devem animar-se, deixar de pensar em si mesmas, ou orar mais. Porém, insisto em que a depressão é coisa séria, que pode arruinar vidas e levar ao suicídio.

Algumas vezes, períodos de depressão são interrompidos por períodos de alta energia. Durante essa fase, a pessoa pode parecer estar bem, ou mesmo ótima. Ela pode se envolver tão maravilhosamente no trabalho da igreja e com a família, pode parecer tão completamente devotada a Deus, que seria estranho um pastor questionar isso. Mas nesse tipo bipolar de doença, desapontamento emocional e depressão inevitavelmente seguem-se à fase de energia. Um profissional da psiquiatria pode indicar uma medicação estabilizadora da extrema oscilação do humor.

Ansiedade. Esse tipo de desordem afeta pessoas que vivem cronicamente preocupadas com a dimensão das dificuldades

de seu labor diário. Tais indivíduos podem se tornar excessivamente caseiros, incapazes de enfrentar o mundo ou viver em grupo. Podem desenvolver específicos, ilógicos, e muito debilitantes temores de coisas como micróbios ou multidões. Desordens como ansiedade incluem as desordens compulsivo-obsessivas, isto é, constante e repetido acariciamento de idéias inoportunas; compulsão para realizar tarefas que parecem aliviar a ansiedade, tais como lavar as mãos, limpeza excessiva, ou organização da vida numa forma particular e invariável, metódica; por exemplo, separar coisas no lixo antes que possam ser descartadas.

Desordens de pensamento. As que são encontradas com mais freqüência são esquizofrenia e as desilusões. Quem tem problemas de organização do pensamento pode interromper um assunto rapidamente, sem aviso ou causa, tornando difícil a conversação. Uma pessoa assim anda vendo coisas, ouvindo vozes, sentindo odores que não são reais, ou alimenta ilógicos temores de conspiração e perseguição. Esses problemas requerem invariavelmente ajuda profissional, e, tornando-se mais graves, demandam internação hospitalar.

É a natureza bizarra dos casos de desordem de pensamento que tem ajudado a gerar caricaturas comuns e brincadeiras a respeito das doenças mentais. Essa também é a razão pela qual as pessoas as vêm como doenças perturbadoras e assustadoras. Os pastores necessitam ser cuidadosos para não se tornarem desencorajados ao ministrar a pessoas com esse tipo de desordem. Embora o doente possa em algum momento dizer coisas sem sentido, o pastor pode ouvi-lo, responder e obter forças do amor bem direcionado e da sincera preocupação com a pessoa.

Distúrbios da personalidade. Tais situações normalmente são difíceis de descrever em virtude das diferenças naturais entre as personalidades. Entretanto, todos nós conhecemos pessoas que têm constantes problemas de relacionamento, propensas a extremos emocionais e explosivos, ou buscam isolamento e evitam atividades sociais. Esses problemas de personalidade levam a dificuldades crônicas vocacionais e de relacionamento. Nos casos de depressão, ansiedade e desordens de pensamento, o doente vive em grande angústia; mas os distúrbios de personalidade são freqüentemente mais perturbadores dos amigos e da família que da própria pessoa.

Além da intervenção pastoral

Que deveríamos fazer quando nos deparamos com situações diante das quais o compassivo apoio pastoral não é o bastante?

O crente pode chamar o pastor para ajudar a resolver seus problemas, aplicando as realidades da fé através de práticas tais como a conversação pastoral, oração, e orientação escriturística. Isso pode oferecer um apoio vital e, todavia, não contribuir para a solução tão desesperadamente necessária. Crer que uma pessoa de fé não deveria ter problemas emocionais contribui para gerar culpa e ansiedade relacionadas com a obtenção de tratamento apropriado e efetivo. Nesse ponto, o pastor faz bem em considerar a recomendação de busca de ajuda com um profissional de saúde mental.

Os pastores algumas vezes ficam receosos de remeter seus paroquianos a um psiquiatra, tendo em mente a imagem antiquada do barbudo Freud que menosprezava a fé religiosa. De fato, profissionais de saúde mental que são ressentidos com a religião ou que poderia desafiar o compromisso religioso de um paciente são a minoria. Os bons psiquiatras e psicólogos apreciam das dimensões espirituais da vida de um paciente e compreendem o valor terapêutico da comunidade de uma igreja.

Eu até recomendo que os pastores façam amizade com alguns profissionais de saúde mental para os quais eles possam enviar seus paroquianos necessitados de ajuda. Os psiquiatras são médicos que podem prescrever medicamentos bem como desenvolver a terapia conversacional. Os psicólogos podem fazer testes de avaliação psicológica e terapia também através do diálogo. Assistentes sociais e conselheiros clínicos são especializados em família e terapia individual. Alguns deles também são treinados em especialidades como trabalho com crianças ou viciados.

Os profissionais de saúde mental, geralmente, estarão desejosos de trocar idéias com o pastor a respeito das abordagens efetuadas com o paciente. O pastor pode perguntar diretamente o que o profissional pensa sobre o elemento religião na vida do seu cliente, e, ao mesmo tempo, inquirir a respeito de qualquer área da sua especialidade e dos custos envolvidos. Deve o pastor manter um canal de comunicação aberto para uma consulta telefônica ao profissional, na ocasião em que está tentando fazer uma avaliação inicial do problema. Isso é muito positivo, espe-

cialmente quando um apropriado senso de coleguismo e camaradagem é cultivado com o profissional.

Se o pastor tiver êxito no encaminhamento de seu paciente, é importante continuar seu envolvimento com ele. Esse é o tempo quando ele mais necessita do amor e apoio pastorais. Alguns problemas de saúde mental são expressados através de concepções religiosas extremistas; e o pastor pode ser muito ajudador no processo de tratamento, provendo o necessário equilíbrio dessas concepções. Os profissionais de saúde mental consideram o seqüencial envolvimento do pastor muito importante, de modo que um relacionamento íntimo é ideal.

Ética e confiança

Seja muito cuidadoso quanto a interferir com o tratamento de seu paroquiano. Por exemplo, jamais recomende que ele deixe de tomar alguma medicação prescrita pelo psiquiatra, a menos que tenha a autorização deste. Uma atitude tal pode realmente prejudicar a saúde da pessoa. Caso o indivíduo em tratamento lhe exponha alguma coisa dita ou feita pelo médico que não lhe pareça correta, não aceite isso como verdade sem primeiro checar a informação. Ouça tudo com atenção, guarde as informações, e converse pessoalmente com o profissional. Alguns impulsos que o doente experimenta podem levá-lo a distorcer ou interpretar mal as palavras do médico.

Embora grandes avanços tenham sido dados no tratamento de doenças mentais sérias, há poucos casos de curas perfeitas. Alguns pacientes bipolares, depressivos ou esquizofrênicos, podem não responder parcialmente à medicação, outros podem não responder totalmente. Pacientes tratados com êxito podem sofrer recaída. Você, como pastor, talvez seja a pessoa em melhor condição para ajudar o paroquiano paciente a aceitar que um distúrbio emocional pode ser algo que ele carregará durante toda a vida, embora mantenha em seu coração a sólida esperança de que algum dia viveremos no perfeito reino de Deus, livres de enfermidades.

Finalmente, seja confidente. Mencionar, mesmo casualmente, a outro membro da igreja ou à comissão, que um irmão está buscando ajuda psiquiátrica, ou a natureza do seu problema, é no mínimo antiético. E destrói aqueles elementos de confiança tão críticos em todos os nossos relacionamentos pessoais e profissionais.

Isaiás e a missão

WILSON BORBA

*Diretor de Publicações da Associação
Planalto Central, Brasília, DF*



Divulgação

O profeta Isaiás apresenta em seu livro quatro princípios elementares da missão evangélica. Dizemos que são elementares porque funcionam como o "a b c d" da missão. Estão interligados, e o não cumprimento de um deles afetará a obra de evangelização. O estudo desses quatro princípios poderá revelar-nos as causas de nossos fracassos e também fazer-nos eficientes no cumprimento da grande comissão dada por Cristo.

Isaiás, filho de Amós, viveu no oitavo século antes de Cristo. Sua vida e ministério tiveram um divisor: a visão registrada no capítulo seis do seu livro. Toda a experiência posterior de seu ministério constitui-se resultado da operação dos princípios apresentados nessa visão, ocorrida, conforme indica o próprio Isaiás, "no ano da morte do rei Uzias" (Isa. 6:1), ou seja, entre 740 e 739 a.C.¹

Parece que o chamado de Isaiás ao ministério profético ocorreu alguns poucos anos antes da morte do rei Uzias. De acordo com Ellen White, "o reinado de Uzias estava chegando ao fim, e Jotão estava já levando muitas das tarefas do Estado, quando Isaiás, da linhagem real, foi chamado, embora ainda jovem, para a missão profética".²

As condições para desenvolver seu tra-

balho em nada eram animadoras e prostraram-no em angústia e depressão. Externamente, havia o perigo de invasões. Uma coligação entre Israel e a Síria invadiria Judá (ver Isa. 7:1 e 2). Os exércitos assírios se arremeteriam contra as principais cidades do reino (Isa. 36 e 37). "Mas os perigos de fora, esmagadores como pudessem parecer, não eram tão sérios quanto os perigos internos. Era a perversidade de seu povo que levava o servo do Senhor à maior perplexidade e à mais profunda depressão. Por sua apostasia e rebelião, os que podiam ter permanecido como porta-dores de luz entre as nações, estavam atraindo os juízos de Deus."³

Havia em Judá opressão e opulência social (1:17), orgias (1:10), homicídios (1:21), roubos (1:23) e hipocrisia religiosa (1:11-14). "Em face de tais condições, não é surpreendente que Isaiás tentasse recuar da responsabilidade, quando chamado a levar a Judá as mensagens de advertência e reprovação da parte de Deus durante o último ano do reinado de Uzias."⁴

Um dos pensamentos que fervilhavam a mente do profeta, ao estar sob o pórtico do templo, antes da visão, foi o seguinte: "Devia ele em desespero renunciar a sua missão, deixando Judá entregue à sua idolatria?"⁵ Portanto, ao que parece, a extraordinária visão concedida ao jovem profeta não foi de chamamento, mas de fortalecimento especial para o cumprimento de uma missão difícilíssima. O capítulo seis inicia citando um fato agravante para a crise, ou seja, a morte de Uzias, um dos mais destacados monarcas do reino de Judá. Em angústia, Isaiás aproximou-se do pórtico do templo. Ali apareceu-lhe o Senhor assentado num alto e sublime trono. No dizer do Dr. Siegfried Schwantes, "deprimido com a morte de um grande Rei, Isaiás é convidado a contemplar o trono de Deus que nunca está vazio".⁶

Isaiás manifestou a tendência humana de confiar mais nos homens do que em Deus; afinal, se o panorama dos acontecimentos era ruim enquanto o bom rei Uzias ainda vivia, como seria agora que seu trono estava vazio? Sem dúvida, o jovem Isaiás precisava conscientizar-se de que o Senhor era o comandante de Sua Obra. Isaiás viu o Senhor em Seu trono de glória circundado por serafins resplandecentes que com reverência clamavam uns aos outros: "Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a Terra está cheia da Sua glória" (Isa. 6:3). A visão da glória do Senhor e dos anjos adorando-O reverentemente fez o profeta estremecer. Diante da presença e glória divinas, ele teve uma idéia do Seu infinito poder e tremenda santidade.

"A santidade de Deus na linguagem do Antigo Testamento indica que Ele é separado do mundo pecaminoso. Sem dúvida, a Sua majestade, a Sua elevação acima da criatura, também está incluída; mas a ênfase se dá na Sua oposição ao pecado. A santidade de Deus é revelada sobretudo no julgamento que Ele acarreta contra os ímpios (Isa. 5:16). Esse pensamento deve dominar a nossa mente quando refletimos sobre santidade neste contexto (cf. vs. 9-13)."⁷

Visão do Senhor

O primeiro princípio básico de missão apresentado na experiência de Isaiás é a visão do Senhor. A missão começa com uma visão do Senhor. Deus é o Senhor da seara (Mat. 9:38). Ele é quem escolhe, chama, capacita e envia os Seus servos para o trabalho (João 15:16). Foi assim com Isaiás e outros servos do passado, e deve também ser assim para nós, hoje. A maior necessidade de todo obreiro na Causa de Deus não é apenas de conhecimento teórico sobre o próprio Deus, mas uma visão renovada de Seu caráter e de Seus atributos; um encontro decisivo e

transformador, semelhante ao que experimentou Isaías.

O profeta precisava estar à altura de sua elevada missão. A fim de preparar Seus obreiros, o Senhor começa dando-lhes uma visão de Seu poder e caráter. A visão do Senhor entronizado entre os querubins lembraria o profeta, para sempre, de que Deus estava no controle, por mais difíceis que fossem as circunstâncias. De modo especial, nós os obreiros de Deus precisamos captar essa visão, pois ela apresenta a verdadeira filosofia da História.

"Na Palavra de Deus... afasta-se a cortina, e contemplamos ao fundo, em cima, e em toda a marcha e contramarcha dos interesses, poderio e paixões humanas, a força de um Ser todo misericordioso, a executar, silenciosamente, pacientemente, os conselhos de Sua própria vontade..."⁸ Esse conhecimento é deveras importante, pois "quando os perigos assediavam o povo de Deus e as potestades das trevas parecem estar a ponto de prevalecer, Deus convida a contemplá-Lo sentado em Seu trono, dirigindo os assuntos do Céu e da Terra, a fim de que os Seus se reanimem e tenham esperança".⁹

A visão da santidade do Senhor e da reverência dos serafins em Seu serviço faz parte da habilitação dos candidatos ao serviço de Deus. "Na visão dada a Isaías no recinto do templo, foi-lhe propiciado ver claramente o caráter do Deus de Israel."¹⁰

Deus revelou Seu caráter de modo extraordinário ao profeta Isaías. Hoje, talvez não necessitemos de que Ele Se revele a nós da maneira como o fez ao profeta de Judá, pois "a palavra de Deus revela o Seu caráter".¹¹ Não temos luz própria, mas se mantivermos contínuo contato com o Senhor, através do estudo de Sua Palavra, nosso caráter será transformado e iremos projetar verdadeira e forte impressão espiritual sobre nossos liderados.

A visão da santidade divina marcou Isaías de tal maneira que a expressão "o Santo de Israel" tornou-se para ele uma marca registrada, sendo usada mais de vinte vezes em seu livro.

Visão de si mesmo

O segundo princípio de missão apresentado na experiência do profeta Isaías pode ser chamado a visão de si mesmo. "Para Isaías, o súbito reconhecimento de sua depravação total caiu como um raio celestial sobre o seu trêmulo coração, no momento mesmo em que teve a sua visão revolucionária da santidade de Deus. 'Ai

de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!" (Isa. 6:5). Este é o sentimento de todo homem que se viu a si mesmo por trás de sua máscara tendo sido confrontado com sua visão interior da santidade pura que é Deus. Tal experiência é sempre acompanhada de violenta emoção."¹²

A filosofia recomenda ao homem conhecer-se a si mesmo; porém, a sua busca é meramente horizontal. O diálogo com diferentes ciências tais como filosofia, sociologia e biologia pode ser bom, mas não salva nem transforma o caráter. Isaías somente compenetrou-se acerca de seus defeitos de caráter e das necessidades mais íntimas de sua alma, quando olhou para o Senhor e recebeu o impacto de Sua santidade.

Toda a bênção que o Céu quer conceder ao homem, não pode ser avaliada nem recebida, enquanto este se ilude a respeito de sua condição espiritual. Antes de alegrar-se com os benefícios provenientes do Calvário, precisa ver-se à luz da gloriosa santidade do Senhor. Ao mesmo tempo em que desejava servir ao Senhor, o profeta de Judá viu sua indignidade e sentiu-se incapacitado para estar em Sua presença.

Isaías sentiu-se perdido, e, nada podendo ver além de seu pecado exposto pela santidade divina, temeu pela sua própria vida. Talvez o consideremos um pouco exagerado; porém, sua religião, até aquele momento, era insuficiente. Embora não tenha maculado sua alma com pecados grosseiros, ele não se sentiu bem na presença do Senhor. A consciência despertada pelo Espírito Santo aguilhoava-o com sua culpa e pecaminosidade humanas.

"Deus não considera todos os pecados igualmente graves. Há diferentes graduações de culpa tanto aos olhos divinos quanto aos humanos. Todavia, por mais insignificante que essa ou aquela atitude má possa se apresentar ao ser humano, para Deus, nenhum pecado é pequeno. O julgamento humano é parcial, imperfeito; mas Deus avalia todas as coisas como realmente são. O alcoólatra é desprezado e costuma-se dizer a ele que seu vício o deixará fora do Céu enquanto o orgulho, o egoísmo e a cobiça não são muitas vezes condenados. No entanto, esses são pecados muito ofensivos, pois são contrários à bondade do caráter divino e ao amor desinteressado."¹³

A visão de si mesmo que Isaías teve não foi agradável, mas necessária. Igualmente precisamos ter uma visão de nós

mesmos. Porém, essa experiência só ocorre quando em humildade colocamos-nos diante da santidade do Senhor. Por nós mesmos nada podemos fazer pois "o homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (I Sam. 16:7). "Esse coração humano com suas emoções de alegria e tristeza em conflito; coração volúvel e sem rumo, que serve de morada para tanta impureza e engano. Deus conhece os motivos, os desejos e os propósitos. Vá até Ele com seu coração manchado, do jeito que se encontra agora. Como o salmista, abra o coração Àquele que pode ver tudo, dizendo: Ó Deus, examina-me e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos. Vê se há em mim alguma falsidade e guia-me pelo caminho eterno."¹⁴

As Escrituras Sagradas trazem em seu bojo a mensagem de um Deus santíssimo que odeia o pecado, e em cuja presença tremem os pecadores. Entretanto, esse Ser todo-poderoso e santo é um Deus de infinito amor comprometido e envolvido na obra de "buscar e salvar o perdido" (Luc. 19:10). Ao profeta Isaías, contrito e arrependido, foram dados perdão e purificação: "Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado." (Isa. 6:6 e 7).

Visão do perdão

Somente pessoas perdoadas podem envolver-se com êxito na Obra de Deus. O perdão que Isaías recebeu não foi apenas uma palavra de ânimo, mas uma transformação real de pensamentos e princípios na mente e no coração. Ele recebeu a certeza: "...a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado." Em nossos dias, muitos alardeiam o perdão que supostamente receberam enquanto sua vida e suas obras estão em claro contraste com o querer de Deus. Tais pessoas ignoram que "o perdão, porém, tem sentido mais amplo do que muitos supõem... O perdão de Deus não é meramente um ato judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão pelo pecado, mas livramento do pecado. É o transbordamento do amor redentor que transforma o coração".¹⁵

O conteúdo da visão de Isaías não foi místico como alguns pensam, imaginando que uma simples brasa viva teria poder para purificar pecados. A brasa procedente do altar de holocaustos era por extensão apenas um símbolo do Cordeiro de Deus que

tira o pecado do mundo. O anjo tocou com a brasa a boca do profeta, parte do corpo que mais deveria ser usada na missão, e, também por extensão, um símbolo do coração, considerando que "o que sai da boca vem do coração" (Mat. 15:18). Assim, a brasa viva na visão torna-se um símbolo de Cristo e da capacitação para o serviço.

Visão do serviço

Finalmente, o quarto princípio básico de missão, apresentado em Isaías, é a visão do serviço: "Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei e quem há de ir por nós? Disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim." (Isa. 6:8).

Podemos compreender mais claramente a razão pela qual tão poucos se envolvem de coração na obra de salvar o pecador? Ir aonde Deus mandar não é tão simples. É contra a disposição humana. Sempre haverá uma desculpa para não atender, e, à semelhança do jovem profeta, por trás da nossa indisposição geralmente está um sentimento de incapacidade espiritual.

Só "depois disto", reconheceu o profeta, "ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós?"

Por que o perplexo profeta não ouviu,

anteriormente, nem atendeu ao ide do Senhor? A questão, provavelmente, não é que ele não tenha antes ouvido o chamado. Na realidade, ele não tinha condições de ir. Isaías precisava passar primeiro pelo "a b c" da missão, ou seja, precisava ter a visão do Senhor, a visão de si mesmo, e a visão da graça perdoadora de Deus. Somente "depois disto", é que ele pôde contemplar positivamente o desafio da seara.

"Havia visto o seu Senhor. Apanhara um lampejo da amabilidade do caráter divino. Podia testificar da transformação que se operara pela contemplação do infinito amor. Daí em diante ele fora inspirado com o incontido desejo de ver o transviado Israel livre do fardo e penalidade do pecado."¹⁶

Os dias atuais são os mais solenes da História. A iniquidade prevalece, multiplicando-se, e a atmosfera do planeta parece saturada de maldade, violência, vícios e pecados de todo o tipo. À semelhança do profeta Isaías, recebemos do Senhor um chamado para cumprirmos uma pesada missão. Esse trabalho, porém, não pode ser realizado simplesmente por forças humanas. É possível, mesmo agora, que alguns servos do Senhor estejam angustiados, deprimidos e vergados ao terrível pe-

so do desânimo. Lembremo-nos de que o Senhor continua sentado num alto e sublime trono. Contemplando-O receberemos o toque que nos capacitará a cumprir eficientemente a tarefa.

"Nossa maior necessidade hoje é que nossos lábios sejam tocados com o fogo santo do altar de Deus."¹⁷

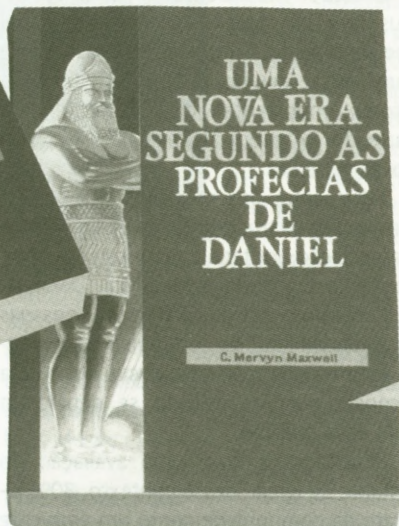
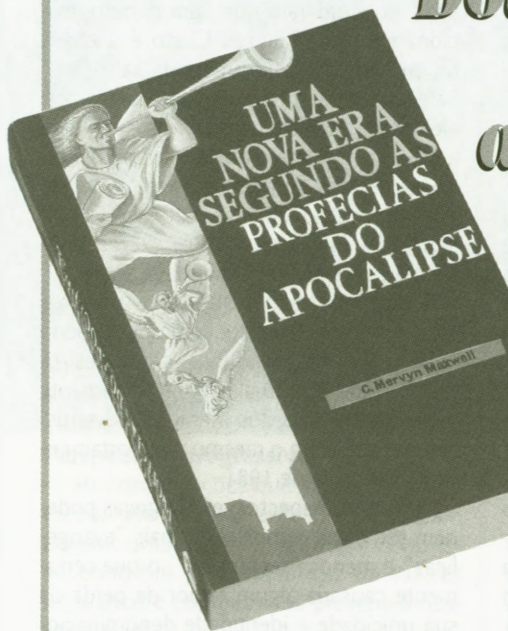
Referências:

- 1 Comentario Bíblico Adventista Del Septimo Dia, Pacific Press Publishing Association, 1985, vol. 4, pág. 169.
- 2 Ellen G. White, *Profetas e Reis*, Casa Publicadora Brasileira: Tatuí, SP, 1992, pág. 305.
- 3 *Idem*, págs. 305 e 306.
- 4 *Idem*, págs. 306 e 307.
- 5 *Idem*, pág. 307.
- 6 Siegfried J. Schwantes, *Teologia de Isaías*, Seminário Adventista de Teologia: São Paulo, SP, 1983, pág. 7.
- 7 R. Ridderbos, *Isaías: Introdução e Comentário*, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova: São Paulo, SP, 1986, pág. 94.
- 8 Ellen White, *Educação*, Casa Publicadora Brasileira: Tatuí, SP, 1996, pág. 173.
- 9 Comentario Bíblico Adventista Del Septimo Dia, vol. 4, pág. 169.
- 10 Ellen White, *Profetas e Reis*, pág. 314.
- 11 _____, *Caminho a Cristo*, Casa Publicadora Brasileira: Tatuí, SP, 1996, pág. 10.
- 12 A. W. Tozer, *Mais Perto de Deus*, Editora Mundo Cristão: São Paulo, SP, 1984, págs. 122 e 123.
- 13 Ellen White, *Caminho a Cristo*, pág. 30.
- 14 *Idem*, pág. 34.
- 15 Ellen White, *O Maior Discurso de Cristo*, Casa Publicadora Brasileira: Tatuí, SP, 1988, pág. 114.
- 16 _____, *Profetas e Reis*, pág. 314.
- 17 Comentario Bíblico Adventista Del Septimo Dia, vol. 4, pág. 170.

Dois livros fantásticos que contribuirão para aumentar seu conhecimento da Bíblia!

Peça hoje mesmo!

Ligue Grátis
0800-552616
Para Fazer Seu Pedido



Conquistando as novas gerações

MONTE SAHLIN

Vice-presidente para Ministérios Criativos na União Columbia, Maryland, Estados Unidos



Divulgação

Estão, porventura, algumas igrejas adventistas do sétimo dia experimentando sucesso em ganhar e manter jovens, desde a infância até a maturidade? Em caso positivo, de que novas estratégias estão elas lançando mão?

A União do Pacífico da Igreja Adventista do Sétimo Dia encarregou o Centro de Ministérios Criativos de estudar essa questão e, na realidade, foram obtidos resultados interessantes. Cinco congregações foram selecionadas para a pesquisa com o aval dos administradores do Campo. Cada uma delas tem uma comprovada eficiência em atrair anualmente e batizar pessoas na faixa dos 20 aos 40 anos. Uma das igrejas adota o estilo conhecido como *celebration*, duas são conhecidas por seu conservadorismo, e outras duas são do tipo meio-termo. Todas elas são conhecidas por seu compromisso com a mensagem adventista e têm significativa experiência de crescimento.

Sete chaves evangelísticas emergem como fundamentais em todas as cinco igrejas, revelando-se como estratégias que podem ser implementadas por qualquer congregação adventista.

Operação resgate

Dois de cada cinco membros nessas igrejas (38%) relataram que foi especificamente "esta congregação, ou um dos seus pastores ou membros" que contribuiu fortemente para trazê-los de volta à sua condição de membros ativos. Metade dos jovens disse a mesma coisa.

Dois terços dos conversos batizados nos últimos cinco anos apenas tinham o nome no livro da igreja, sendo inativos. Na verdade, as cinco congregações pesquisadas informaram a existência de apenas cerca de mil ex-membros, ou membros inativos durante os anos recentes, muitos dos quais retornaram com seus respectivos cônjuges não-adventistas. Mais de 37% desses irmãos afirmaram que seus cônjuges tornaram-se adventistas do sétimo dia.

Aceitação e perdão

O estudo mostrou que uma atitude inclusiva e um programa denominacional apelativo tanto para ex-adventistas como para seus cônjuges não-adventistas, são fatores importantes que explicam boa parte do êxito em alcançar e conquistar novas gerações.

Nove entre dez membros demonstraram ao seu pastor grande reconhecimento e apreciação por ter ele manifestado amor, aceitação e atitude perdoadora. Divorciados solitários, novos conversos e pessoas oriundas de famílias com baixo rendimento foram ainda mais propensas a dar uma resposta positiva quando se depararam com essa questão.

Solicitadas a fazer uma avaliação do restante da igreja, nesse contexto, 80% falaram da comunidade como um ambiente altamente inclusivo e receptivo. Muitos comentários positivos e relatos profundamente sensibilizados foram compartilhados

durante as entrevistas, conduzidas como parte do estudo.

Demonstrar um genuíno senso de inclusão tem-se tornado um valor básico nessas congregações. Interrogada se ali poderia haver uma aceitação mais ampla de diversos estilos de vida, a maioria concordou. Quanto mais antigas as pessoas são como membros da igreja, maior a tendência de favorecer mais aceitação de diferentes modelos de vida.

Correta orientação espiritual

Três de quatro membros descreeveram a igreja local como tendo uma forte orientação relacionada à graça. Quase todos, 95%, concordaram que "um correto relacionamento com Jesus Cristo é a chave do crescimento espiritual e da salvação". Sete entre oito membros indicaram que eles estão "muito seguros" da sua "vida eterna", um número que contrasta favoravelmente com uma pesquisa realizada em 1981, entre adventistas da América do Norte, na qual apenas 68% expressaram um alto nível de segurança espiritual.

Aproximadamente 30% dos membros reúnem-se regularmente com um pequeno grupo para estudar a Bíblia, orar e desfrutar amizade espiritual. Significativamente mais que os 24% dos membros adventistas que relataram o mesmo comportamento na pesquisa de 1981.

Em certos aspectos, essas igrejas poderiam ser vistas como sendo mais "evangélicas" e menos "sectaristas", o que certamente causaria algum temor de perda da sua unicidade e identidade denominacionais. Todavia, tal receio pode ser descartado. De acordo com a pesquisa, cinco de cada seis membros, concordam em que "os padrões da Igreja Adventista são importantes para manter e conservar fortes os membros na Igreja".

Cristianismo prático

As igrejas pesquisadas demonstraram um compromisso com a aplicação prática da compaixão de Cristo em suas respectivas comunidades. Noventa e dois por cento dos membros acreditam que "a compaixão de Cristo é demonstrada na vida dos crentes através do serviço prestado ao pobre e ao doente". E 93% deles gostariam de ver a Igreja Adventista "fazer mais no sentido de satisfazer as necessidades dos sem-teto, das crianças de rua, das mulheres que sofreram abuso, dos desempregados, e outros que enfrentam situações críticas".

Os novos convertidos são ainda mais propensos a concordar com essa opinião. Na realidade, 59% dos membros estão engajados em serviços voluntários à comunidade, quando o normal entre os adventistas da América do Norte é 41% de engajamento.

mover oportunidades iguais" extensivas às mulheres e às minorias étnicas. Nove entre dez membros acreditam que esposos e esposas poderiam partilhar responsabilidades profissionais, domésticas e educacionais dos filhos.

Cinquenta e quatro por cento discordam da visão mais tradicional de diferença genérica nos papéis da família. Outrossim 58% concordam que é bom para a mulher ter um trabalho fora do lar.

Evangelismo da amizade

Embora não desprezem o evangelismo público, muitos membros entendem que os métodos não tradicionais de abordagem de pessoas para a igreja, como a construção de relacionamento com não-adventistas, são extremamente produtivos. O método de evangelismo mais efetivo é o "evangelismo da amizade", dizem 77% dos membros. Em segundo lugar aparecem os pequenos grupos, apontados por 63% das respostas. O terceiro método é o serviço comunitário, mencionado por 58% dos entrevistados.

Outros métodos efetivos de ganhar almas apontados na pesquisa são a recreação (55%), ministério jovem (49%) e ministério infantil (47%). Os jovens mostraram maior tendência para essas indicações que os idosos. Apenas um terço dos membros considerou estratégias evangelísticas como seminários,

classes bíblicas e reuniões públicas, como métodos inovadores e efetivos. Cursos bíblicos em vídeo foram apontados como fundamental nas conquistas evangelísticas por 21% dos convertidos, entre os quais se encontravam minorias étnicas e membros idosos.

Não-alcanceados

Da pesquisa feita, um perfil inteiramente novo de crescimento evangelístico da Igreja parece estar emergindo. Os membros mostraram-se muito propensos a

sentir que suas congregações estão direcionadas à missão da Igreja. Elas estão alcançando grupos que foram largamente negligenciados pelas estratégias convencionais. Isso inclui não apenas as novas gerações, mas indivíduos que possuem um antecedente mais secularista.

Wade Clark Roof, em seu livro *A Generation of Seekers* (Uma Geração de Pesquisadores), identificou uma tendência entre a geração jovem adulta de não-crentes, de retornar à Igreja depois de uma infância permissiva, adoção de valores e estilo de vida liberais, e crises pessoais que evidentemente lhes suscitaram uma reavaliação de seu comportamento e suas crenças.

As igrejas adventistas envolvidas na pesquisa em apreço estão ganhando tipos semelhantes de pessoas. Isso é especialmente verdade entre indivíduos nascidos em família adventista que abandonaram a fé e depois retornaram. Uma significativa diferença entre esses adventistas que retornaram e aqueles pesquisados por Roof é que a maioria dos adventistas afirmou ter recebido uma educação rígida, enquanto o grupo de Roof identificou sua educação como mais permissiva. Apenas um em cada cinco adventistas pesquisados relatou ter vivido uma infância permissiva. Talvez seja aqui onde a experiência adventista difere da cultura que rodeia as novas gerações.

Aplicação

O estudo demonstra que uma congregação adventista pode ser parte da denominação e ter sucesso com meios de abordagem inovadores, que alcancem os não-crentes em ambientes culturais e sociais específicos, que não respondem aos métodos tradicionais. Um plano efetivo de evangelismo dessas classes deveria levar em conta o pensamento dominante entre elas, a fim de que alguém não se encontre pregando no deserto.

O Centro de Ministérios Criativos tem identificado cerca de 400 igrejas na Divisão Norte-Americana que estão buscando com êxito novas gerações de pessoas, além de membros apostatados e inativos, desenvolvendo métodos não tradicionais de evangelização. Informações e orientações nesse sentido podem ser obtidas através do telefone 800-272-4664.

Inovação saudável, positiva, é sempre bem-vinda na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ela representa uma esperança para o futuro de nossa missão num mundo onde cresce o sentimento pós-denominacionalista.



Perspectiva progressiva

As congregações que foram objeto do estudo em consideração demonstraram possuir uma perspectiva progressiva. Isso contribui para solidificar os valores inclusivos e compassivos presentes nessas igrejas.

Quase todos os membros, 94%, acreditam que o racismo é "anticristão e imoral". Quatro em cada cinco membros desejam que a Igreja promova mais a mordomia ambiental. Três em cada cinco dizem que "é preciso fazer muito mais para pro-

O quinto evangelho

MILTON L. TORRES

Professor de Línguas no Seminário de Teologia do Iaene, atualmente cursa o doutorado em Línguas Antigas na Universidade do Texas, Estados Unidos



O evangelho de Tomé é um dos mais misteriosos e debatidos documentos do início do cristianismo. Esse documento, que nunca foi aceito como canônico, esteve perdido até 1945, quando foi encontrado numa tradução copta (escrita em caracteres gregos), enterrado na Biblioteca de Nag Hammadi, no Egito. De acordo com o Dr. Michael White, diretor do Programa de Estudos Religiosos da Universidade do Texas, "sua redescoberta tem provocado inúmeros debates acerca de sua relação com os evangelhos canônicos e seu papel no desenvolvimento do cristianismo". Alguns estudiosos o têm chamado de Quinto Evangelho. Mas, há, de fato, bases concretas para que esse documento misterioso possa ter sido um evangelho autêntico?

Para avaliar a autenticidade do Evangelho de Tomé, de um ponto de vista eminentemente teológico, é necessário analisar alguns aspectos pertinentes a essa

questão: em primeiro lugar, o que o texto nos diz. Em segundo lugar, que semelhanças e diferenças existem entre o documento e os evangelhos canônicos. Finalmente, qual a relevância desses fatores, quando confrontados com o que se conhece acerca da história e da teologia do cristianismo primitivo.

O que diz o texto

O Evangelho de Tomé, sem dúvida alguma, é o documento mais famoso da Biblioteca de Nag Hammadi, que inclui treze códices contendo mais de 50 tratados, provavelmente copiados do quarto século a.D. O Evangelho de Tomé é o segundo tratado do Códice 2, e deve ser a tradução de um original aramaico composto provavelmente antes dos grandes códices, isto é, no segundo século.

O propósito desse evangelho é revelar o significado oculto dos dizeres de Jesus. Seu texto encoraja a renúncia de alimentos e bebidas, despreza o jejum e defende o sábado como dia de guarda. O teor de sua pregação é o de um retorno a uma ingenuidade primordial paradisíaca. Por isso, esse evangelho valoriza a nudez como algo positivo: "E os discípulos Lhe perguntaram: quando será a Tua revelação e quando Te veremos? E disse-lhes Jesus: quando vos despides sem receio e tomardes as vossas túnicas e as colocardes de baixo dos vossos pés como criancinhas e as pisardes, então vereis o Filho do Deus vivo, e não temereis."

Além disso, o autor do Evangelho de Tomé valoriza a superação das diferenças entre gêneros, em favor da supremacia da masculinidade: "E tendo visto infantes sendo amamentados, disse Jesus: os que entram no reino são como criancinhas

que são amamentadas. Então Lhe perguntaram: Entraremos nós no Céu como criancinhas? E Jesus lhes respondeu: quando dois se tornarem um só, e quando o exterior for como o interior, e o interior, como o exterior, e a parte de cima, como a de baixo, e quando do varão e da varoa se fizer um só, de modo que o varão não mais o seja, e a varoa não mais o seja, e vossos olhos forem mudados em outros olhos, e vossas mãos em outras mãos, e vossos pés em outros pés, e a vossa aparência em outra aparência, então entrareis [no reino]." Isso se deve provavelmente a uma associação com o que disse Jesus em Mateus 18:4: "Portanto, quem se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos Céus."

Jesus é visto, acima de tudo, como um revelador de mistérios: "Jesus disse: "Dardos-ei as coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem mãos tocaram, nem penetraram o coração do homem", o que se aproxima muito do que Paulo afirmou em I Cor. 2:9.

A escatologia de Tomé sempre é feita em referência ao paraíso, pois, segundo ele, o início é mais importante do que o fim. O mundo é visto como um elemento estranho. O próprio ser humano é superior ao mundo e, sendo assim, pode superá-lo. O mundo foi objeto de consumo até a revelação, mas, depois, passou a consumir o homem e, por isso, deve ser evitado. De acordo com o evangelho, Jesus teria afirmado que "quem compreende o mundo encontra apenas um cadáver; e quem encontra um cadáver é superior ao mundo".

Desta maneira, Tomé se torna o depositário dos mistérios de Cristo. "Então lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que Eu

sou? Respondendo, Pedro Lhe disse: Tu és um anjo justo; e Mateus Lhe disse: Tu é um filósofo sério. Porém Tomé Lhe disse: Mestre, não sou capaz de dizer-Te quem Tu és. Jesus repreendeu-o, então, dizendo: Eu não sou vosso Mestre. Porque bebestes da fonte borbulhante a qual Eu vos havia proibido, estais embriagado. E, tomando-o à parte, ensinou-lhe três coisas: Quando Tomé retornou aos outros, eles o interrogaram: O que te disse Jesus? Ao que Tomé responde-lhes: Se eu vos disser uma única coisa daquilo que Ele me ensinou, tomareis pedras para, com elas, me apedrejar; então fogo descerá do céu para vos consumir e a vossas pedras.”

No Evangelho de Tomé, os servos de Cristo são aqueles que compreendem sua origem e destino. “Disse Jesus: Tornai-vos peregrinos!” Contudo, só os solteiros entrarão na câmara nupcial de Cristo: “Disse Jesus: “Muitos estão à porta, mas só o solteiro entrará na câmara nupcial.”

Comparação com os sinóticos

Aproximadamente um terço do Evangelho de Tomé encontra eco nos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). No entanto, sua proximidade maior se dá com o quarto evangelho, uma vez que Tomé e João compartilham alguns de seus símbolos, como por exemplo, luz, fonte, etc. Mas a análise criteriosa desses ecos tem revelado exatamente isso: não passam de ecos. Muitas vezes, dizeres semelhantes aos dos evangelhos canônicos aparecem em contextos completamente distintos e, não raro, incompreensíveis. Em verdade, os dizeres de Tomé são opacos, isto é, são tão indecifráveis que acabam se prestando a qualquer desconstrução, como, por exemplo, o trecho segundo o qual Jesus teria dito que “aquele que busca continue a procurar até encontrar. Quando encontrar, escandalizar-se-á. Quando se escandalizar, ficará, então, perplexo e há de reinar sobre o mundo”.

De modo geral, Tomé apresenta três diferenças marcantes em relação aos evangelhos canônicos: não faz nenhuma menção do nascimento de Cristo, nunca menciona sequer um milagre realizado por Jesus e não apresenta qualquer coesão. Ao contrário dos evangelhos canônicos, nos quais se percebe nitidamente o progresso de uma narrativa, em Tomé, o que se encontra é um amontoado de dizeres.

De maneira mais específica, Tomé difere de João (que é o evangelho do qual mais se aproxima) em vários aspectos. João acredita na realidade física da ressurreição;

o Evangelho de Tomé nada fala a respeito do assunto. A presença de Jesus é espiritual. João enfatiza a fé; Tomé valoriza experiências místicas. João aceita ritos como o batismo; Tomé os rejeita completamente. Só as palavras de Jesus, segundo ele, têm participação na salvação do homem.

Basicamente, a única equivalência inequívoca entre Tomé e os evangelhos canônicos se liga ao fato de que Jesus morreu pela salvação da humanidade.

Teologia e história

O texto do evangelho atribuído a Tomé é inegavelmente muito antigo. Seus dizeres sapienciais podem mesmo ser mais primitivos que os de João. Então, como explicar a presença de um documento tão antigo com um texto tão desconcertante?

Primeiramente, tentou-se entender o texto de Tomé à luz do movimento gnóstico. Talvez o documento tivesse sido uma reconstrução gnóstica dos evangelhos. Mas os eruditos esbarraram numa dificuldade intransponível nessa tentativa de ligar Tomé aos gnósticos. Esse evangelho deve ser lido em conjunto com os demais documentos encontrados em Nag Hammadi (ainda que esses não formem um corpo totalmente coeso), porque ele se encaixa numa estrutura conceitual que pode ser identificada com tais textos. E todos os outros documentos de Nag Hammadi são anti-gnósticos. Além disso, o tratamento que Tomé dá à alma difere nitidamente da abordagem gnóstica.

Em segundo lugar, tentou-se ligar o evangelho mais especificamente à comunidade essênica. Mas aqui também houve obstáculos. Praticamente tudo o que se sabe acerca dos essênios se deve a Josefo e aos rolos do Mar Morto (se é que a comunidade de Qumram era, de fato, essênica). Ora, o único ponto de contato entre Tomé e os essênios é o ascetismo, o que é muito pouco para definir o documento como essênio.

Finalmente, uma teoria mais plausível afirma que o texto pode representar as idéias de uma corrente ascética que parece ter morrido com o sepultamento dos códices de Nag Hammadi, embora certas partes de sua tradição possam ter sobrevivido. Segundo o Dr. Harold Attridge, professor de Teologia na Universidade de Yale, “sem se menosprezar a origem desse evangelho, o contexto do documento parece revelar uma adaptação monástica por parte da comunidade de Nag Hammadi, de maneira bastante plástica, de uma tradição ligada ao *Banquete*, de Platão, se-

gundo a qual a espiritualidade se encontra ligada a um ser andrógino”.

De acordo com o erudito, trata-se de um evangelho para monges. O *Banquete* apresenta o andrógino como ser ideal e considera a divisão dos sexos como um castigo divino à rebeldia humana: “Assim seccionada a natureza humana, cada uma das metades pôs-se a procurar a outra. Quando se encontraram, abraçaram-se e se entrelaçaram num insopitável desejo de novamente se unirem para sempre.”

Para essa comunidade espiritual de valores ascéticos, Tomé aparece como discípulo ideal, em disputa com João. Trata-se de uma espécie de rivalidade de tradições. Essa conclusão é possível porque o evangelho se encaixa no padrão de outros movimentos ascéticos. A maneira como o texto manipula tradições anteriores é paralela a práticas similares nas comunidades cristãs primitivas.

A importância do Evangelho de Tomé se deve então, em grande parte, ao fato de poder representar evidência de que, em algum momento antes da influência dos paradigmas eclesiásticos iniciais, houve uma comunidade cristã composta por homens e mulheres, em um *status* plenamente igualitário, em um contexto ascético. Em Tomé, só existe a *ekklesia* do homem solitário ou solteiro. Uma evidência adicional disso é que Eusébio comentou acerca dos problemas causados por homens e mulheres ligados ao ascetismo.

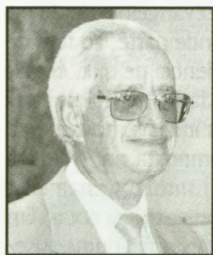
De modo geral, o evangelho atribuído a Tomé parece refletir a voz de um profeta solitário que confia mais na tradição oral do que nos documentos escritos que já começavam a circular em sua época.

É o evangelho um documento muito antigo? Isso é negável. Poderia ou deveria ter sido incluído no cânon? De forma alguma. Em primeiro lugar, o texto não representa nem os ensinamentos dos apóstolos nem os de Cristo, mas reflete os ideais de uma pequena comunidade dentro do cristianismo. Em segundo lugar, a linguagem obscura e mística nele encontrada parece incompatível com a clareza cristalina das palavras de vida encontradas nas Escrituras. Finalmente, alguns dos episódios ali narrados parecem embaraçosamente distantes dos relatos canônicos. Um exemplo disso é o suposto diálogo entre Jesus e Salomé: “E disse Jesus: Dois estarão no leito; um será tomado e o outro será deixado. E Salomé perguntou: Quem és Tu, varão, que vens ao meu leito e comes da minha mesa? E Jesus lhe respondeu: Eu sou o que existe do indivisível e a Mim Me foram dadas as coisas do Pai.”

Amor em dois tempos

HORNE P. SILVA

D.Min., professor de Teologia, jubilado, reside em São Paulo, SP



No Evangelho de Mateus 5:43-48, lê-se: "Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque Ele faz nascer o Seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste."

Jesus aqui está falando dos vizinhos e dos inimigos, daqueles que são objeto do nosso amor e daqueles que não o são. Seu entendimento de amor parece contrário aos parâmetros tradicionais aceitáveis das relações humanas.

Encontramos aqui dois princípios, duas maneiras de relacionamento com as pessoas, que estão completamente em contraste. O princípio tradicional está claramente exposto no verso 43: "Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo."

Quando Jesus amplia esse princípio, nos versos 45 e 47, Ele nos está dizendo

que devemos amar aquele que nos ama e saudar aquele que nos saúda. Assim, vamos amar o nosso vizinho, amar aquele que nos ama e saudar nossos irmãos. Isso é um círculo bonito. Envolve a vizinhança, a família e também a igreja.

Reciprocidade

É bom amarmos o vizinho. Um vizinho sempre é útil. Quando me falta combustível no carro, inesperadamente, posso tomar emprestado dele. É muito bom ter um vizinho amigo por perto. E é fácil amá-lo. É bom também me sentir amado por ele. Ele me ama e eu o amo também. Qual a razão pela qual você ama o seu vizinho? Talvez porque ele seja útil. Qual a razão pela qual você ama os membros da sua família? Quem sabe, porque eles retribuem o seu amor. Porventura ama aos membros da igreja apenas porque eles vêm as coisas da mesma maneira que você?

Em todos esses casos pode-se verificar que o amor é baseado numa relação ego-cêntrica. Você ama por causa do que a outra pessoa pode fazer por você. Logicamente isso mostra que você deve ser inimigo de seus inimigos, porque eles são o que são para você. Que princípio encontramos operando aqui? Isto por aquilo.

No mundo dos negócios, a norma é: "Você me ajuda e eu o ajudo." Se quisermos uma expressão melhor para caracterizar esse comportamento, podemos chamá-lo de "princípio da reciprocidade". Segundo esse princípio você ama aquele que o ama. Você saúda somente os irmãos, amigos e conhecidos mais próximos. Mas Jesus disse que o coletor de impostos e os gentios faziam essas coisas. E nós talvez retrucássemos argumentando que esse comportamento é comum em todas as pessoas. Realmente, é o que se vê no dia-a-dia. O único problema é que

essa é a maneira pagã de viver. O homem inculto, em seu estado primitivo, ama os membros de sua própria tribo, as pessoas de sua família.

Mas o problema surge quando nos deparmos com a pessoa que não nos aprecia, não nos aceita. Aquela que não simpatiza conosco. Como vamos tratá-la? "Dente por dente"? De acordo com o princípio da reciprocidade, amamos os que nos amam e odiamos os que nos odeiam.

Esse é o material com que se faz a guerra. Eu sou atingido por um tiro, e atiro de volta.

Esse é o material com que se fazem os motins, os tumultos. Algo me deprava, eu também depravo.

Esse é o material com que são construídas as rixas, as contendas. Sou maltratado, também tratarei mal.

Esse é o material que serve para esmagar lares e famílias. Sou contrariado, ou rejeitado, igualmente contrario e rejeito.

Esse é o material com que se formam os inimigos. Sou ofendido e odiado, semelhantemente ofenderei e odiarei.

Reciprocidade, neste caso, é um princípio destrutivo. Quase sem esperança. É diabólico no seu mais alto sentido, porque Lúcifer é o seu autor. Algumas pessoas até podem dizer que um indivíduo que age segundo esse princípio está fazendo simplesmente aquilo a que tem direito. Afinal, está devolvendo a mesma moeda que recebeu de outra pessoa. E isso "não é nada demais", é "comum" e "normal". Qualquer animal irracional também pode agir dessa forma. O cão morde a perna daquele que lhe desferir um chute.

A reciprocidade é subhumana, é uma reação animal, que só pode resultar no rompimento de duas pessoas. Jesus rejeitou esse princípio veementemente. Todo cristão deve fazer o mesmo.

Amor imerecido

O princípio válido, ensinado por Jesus, encontra-se no verso 44: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem."

De acordo com esse ensinamento, amamos não somente aquelas pessoas que nos amam; amamos também os nossos inimigos. O que Jesus está realmente querendo dizer é que não sejamos dirigidos pelas ações dos outros. Devemos tomar a iniciativa; exercer a nossa vontade; ser originais. Amar os que nos odeiam.

Um inimigo é a pessoa mais desprezível, mas é uma pessoa. Para nós, talvez ele não represente nada. Qualquer razão que tínhamos para amá-lo desapareceu, em algum momento, de alguma forma. Mas Deus colocou no coração de cada pessoa a capacidade para responder ao amor. Como cristãos podemos suprir o amor ao qual o inimigo poderá responder. Só amor suscita amor.

Amor pelo inimigo é uma prova de caráter bem formado. Quando amamos um inimigo, demonstramos que possuímos o amor de Cristo no coração. Amar os que nos amam não passa de uma resposta obrigatória. A maneira como tratamos os que nos odeiam é uma demonstração evidente do tipo de princípio que está governando a nossa vida. O tratamento recíproco para com os inimigos é uma revelação de que amamos as pessoas pelo que elas podem fazer por nós, e não pelo seu valor intrínseco como seres humanos pelos quais Cristo morreu.

O Senhor Jesus apresenta o caso especial do perseguidor. O perseguidor é aquele com quem temos um choque de princípios. Ele toma uma atitude compulsória contra nós por alguma coisa. Mas o perseguidor ainda é uma pessoa, e assim devemos amá-lo. Entretanto, qualquer expressão de amor provavelmente será interpretada de modo incorreto por ele. Assim mesmo devemos amá-lo e orar por ele. A oração irá sustentar nosso amor em face da perseguição e abrirá a porta para que o poder de Deus transforme o coração do desafeto.

Mas por que devemos fazer isso? Jesus Cristo responde: "Para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste" (v. 45). Como cristão devo me preocupar com aquele que está longe de mim, porque Deus fez assim. A distância que separa o pobre e miserável pecador de Deus é muito maior do que a existente entre nós e nossos desafetos. Ainda assim Deus a percorreu com o objetivo de resgatar o perdido. Ele providenciou o caminho através da cruz, ligando o grande golfo que separa o ho-

mem, fazendo-o sentir o Seu grande amor. Desvencilhou-Se de Sua posição como Deus e veio ao mundo, assumindo a condição humana. É justamente esse tipo de amor manifestado nos cristãos que os torna filhos de Deus.

"Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam." (Luc. 6:27 e 28). Isso é amor que une com Deus.

Podemos argumentar: "Ele é Deus; eu sou apenas um ser humano. Como é possível esperar que eu responda a tais situações da mesma maneira como Deus o faz? Por que tenho que amar na mesma medida em que Ele ama?" Porque fomos feitos à Sua imagem. Deus planejou que o homem fosse um ser amável. Amor é o ideal da natureza humana.

Escrevendo aos romanos, Paulo disse: "Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rom. 5:8). Se Jesus quisesse seguir o princípio da reciprocidade em relação a cada um de nós, sem dúvida estaríamos perdidos. Mas ele nos amou quando ainda éramos Seus inimigos. Ele é o modelo ideal, o padrão de conduta que devemos imitar. Poderemos atingir tal objetivo se verdadeiramente buscarmos a ajuda de Deus, como Ele mesmo o fez.

Deus planejou uma troca em Sua posição e Seu *status* antes que houvesse qualquer evidência de que o homem estava interessado no Seu amor. Deixou-nos o exemplo de que é preciso iniciar em nós mesmos qualquer mudança, antes de queermos mudar alguém.

Relacionamento perfeito

Jesus menciona que o amor é o que nos torna filhos dos Céus. Mas é um amor que não conhece barreiras, condições nem preconceitos: "Porque Ele faz nascer o Seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos" (v. 45). Essa é a maneira como Deus Se relaciona com o homem. Ele dá o sol e a chuva imparcialmente. Nesse sentido, não faz nenhuma distinção entre bons e maus, entre honestos e corruptos, gentio ou judeu. Ele sabe que o homem, indistintamente, necessita de sol e chuva para poder existir.

Em Seu incomensurável amor, Ele dá imparcialmente a todos os homens, de acordo com as suas necessidades. Posso plantar um jardim em minha casa, e, ao lado da minha residência, um ateu também fazer o mesmo. Eu não cuido do meu jardim, mas o ateu dispensa todo o cuidado

ao seu. O jardim do ateu e o meu jardim recebem a mesma chuva e o mesmo sol.

Amor é uma preocupação ativa pelos interesses temporais e eternos de outra pessoa. Isso é um princípio divino. É preciso inteligência para reconhecer as necessidades dos outros. A verdadeira raiz do amor é o desejo de ajudar outras pessoas.

Na vida, encontramos diferentes tipos de amor: amor entre amigos, amor entre esposo e esposa, amor entre pais e filhos e vice-versa, entre parentes, entre namorados e amor entre os membros da mesma igreja. São diferentes facetas de uma pedra de brilhante. Na língua portuguesa, temos apenas uma palavra para expressar o amor. No idioma grego, há palavras específicas para diferentes manifestações do amor. Mas o verdadeiro amor deve incluir possibilidade de sacrifício próprio pelos interesses de outras pessoas.

Devemos estar cônscios da necessidade de nossa própria vida a fim de estendermos aos outros o amor, em vez de hostilidade e de ódio. Nossas ações e atitudes devem estar em harmonia com os outros. Como poderemos ter esse amor genuíno para com nosso semelhante, quando ele nos ofende e nos odeia? A oração é um recurso que pode nos levar à fonte de poder em situações que estão além das nossas possibilidades.

Uma oração sincera em favor de quem nos ofende restaura a harmonia de nossa própria alma. Habitando em nosso coração o Espírito Santo, pela fé em Cristo Jesus, seremos capazes de nutrir o verdadeiro amor que abrirá portas para uma vida de paz com todos.

Não nos demoremos em ofensas reais ou imaginárias que supomos ter recebido de outras pessoas. Oremos por essas pessoas. Confessemos nossa falta de amor, e busquemos o auxílio de Deus para superar qualquer impasse em nosso relacionamento com outros indivíduos. Antes de concluir os Seus ensinamentos, Cristo disse que deveríamos ser perfeitos em nossos relacionamentos: "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (v. 48). Na verdade, Ele estava dizendo: Não sejam como os homens, sejam como Deus é no trato com as pessoas.

Deus é perfeito em todas as coisas, mas a ênfase aqui é na perfeição com que Ele partilha Seu amor, com bons e maus, justos e injustos. Ele dá a chuva e o sol, oferece a salvação, para todos, sem estabelecer uma linha discriminatória. Não pergunta quem somos nem o que podemos fazer. E é por isso que Ele deve ser o nosso critério de perfeição, não o homem.

Integridade



Divulgação

Trabalhar para uma denominação cristã é uma bênção indescritível. Dia após dia, sentimos o privilégio de ser uma parte da missão de Deus na Terra. Além disso, usualmente vivemos num ambiente agradável e benfazejo, cercados pelas melhores pessoas, ao lado das quais talvez nunca trabalharíamos fora da Igreja.

No entanto, as bênçãos de um ambiente e companheirismo cristãos podem apresentar um dilema especial, não enfrentado na área secular. Os crentes são propensos, por exemplo, a maior intimidade com os irmãos colegas de trabalho. Tendem a vê-los, mais acentuadamente, como amigos, compreendendo que todos são parte da família de Deus. Ao mesmo tempo, pastores e líderes são desafiados a supervisionar administrativamente, tendo o cuidado de transmitir cortesia e bondade. Os líderes cristãos podem ser tentados a agir com maior indulgência que outros o fariam; e algumas vezes têm de lutar para achar o ponto de equilíbrio entre o que é administrativamente correto e o ideal cristão.

Meses atrás, eu vivi tal dilema. Sabia que tinha de ser objetiva, bondosa, consciente e honesta. Minha índole é a de querer correr adiante de mim mesma, mas sabia que necessitava confiar em que Deus me mostraria como agir. Assim, pedi-Lhe sabedoria e discernimento. Também pedi-Lhe amor, bondade e graça. Poderia até pedir para me livrar do problema, mas não o fiz.

Como normalmente é o caso, Deus não afastou a situação. Assim, enquanto

esperava a resposta, examinei minha mente e minha alma. Considerei meu raciocínio e minha responsabilidade a respeito da questão. E decidi guiar-me pela regra áurea. Poderia até não ser capaz de cumpri-la com perfeição; mas ela seria o modelo.

Deus nem sempre me deu respostas diretas quando orei por discernimento, ou quando pedi ajuda para ser paciente e judiciosa. Mas ajudou-me a respeitar opiniões. Nisso provavelmente cometi enganos, mas o Senhor sempre esteve comigo, dando-me uma coragem que eu desconhecia possuir. Aprendi a depender mais da Sua liderança do que de mim mesma, e assim encontrei uma tal qualidade de paz de espírito que só pode vir de Deus.

“Os líderes são responsáveis por modelar e encorajar o caráter e a integridade.”

Durante todo esse tempo, experimentei muitos sentimentos. E pensei sobre o ego. Pensei sobre ética. Ao serem feitas acusações injustas, senti as emoções humanas resultantes. Senti-me desapontada e ferida. Fiquei irada. E pensei na outra pessoa. Certamente, tais sentimentos são importantes, pois, sem eles, nós nos tornamos mecânicos. Todavia, em meio a tudo isso, compreendi que a integridade era a resposta; e que essa virtude é a substância que deve interagir saudavelmente com nossos sentimentos.

Sai à procura de livros sobre integridade.

de. Queria apoio para minhas ações. Já sabia que se fazemos o trabalho de Deus, do Seu modo, devemos começar com o caráter, e eu buscava meu caráter.

Fred Smith, em seu livro *Leading With Integrity (Liderança com Integridade)*, diz que a Igreja deve estar envolvida na construção do caráter: “Os líderes são responsáveis por modelar e encorajar o caráter e a integridade. Integridade começa com os motivos. ... Eu posso evitar ser desonesto. Desonestidade é uma decisão.”

Refletindo sobre o clímax da experiência que vivi, pude compreender que o respeito próprio é uma chave importante para a integridade. Sem esse respeito, uma pessoa não pode confiar em seu próprio caráter nem liderar outras pessoas de maneira íntegra. Smith diz que a integridade está baseada no caráter, insistindo que o caráter é absolutamente essencial. Um dos mais prósperos investidores da Universidade de Harvard dizia procurar nos administradores de seus investimentos, três qualidades: inteligência, firmeza e caráter.

Felizmente, Deus é o grande forjador do caráter. Não creio que provações no trabalho, ou em outra coisa, sejam presentes de Deus, mas Ele pode usar os conflitos para fortalecer nosso caráter, ao recusarmos nos envolver em ações impróprias. Podemos até esconder-nos sob uma capa de justiça, mas Deus que vê os segredos da alma, um dia nos pedirá contas da maneira como nos conduzimos em nossas responsabilidades hoje.

Enquanto agradecemos a Deus por nos tornar parte da Sua Obra, lembremos-nos de que o que realmente conta é a nossa integridade. Podemos ter tomado decisões que nos acarretam feridas, aqui na Terra. Mas será compensador ouvir no futuro: “Muito bem, servo bom e fiel; ... entra no gozo do teu Senhor” (Mat. 25:21). – *Julia Noreott, editora assistente de Ministry.*

O SANTUÁRIO E AS TRÊS MENSAGENS ANGÉLICAS – Alberto R. Timm.

Imprensa Universitária Adventista, Caixa Postal 11, 13165-000 Engenheiro Coelho, SP, 325 páginas.

Esta obra descreve a formação e o desenvolvimento inicial do sistema doutrinário adventista. Demonstra como o santuário de Daniel 8:14 e as três mensagens angélicas de

Apocalipse 14:6-12 integraram as doutrinas adventistas distintas da perpetuidade da lei de Deus e do sábado, no ministério celestial de Cristo, da segunda vinda de Jesus, da imortalidade condicional da alma e do dom profético. Todos os que desejam aprofundar o seu conhecimento da teologia adventista deveriam ler e estudar detidamente *O Santuário e as três Mensagens Angélicas*.

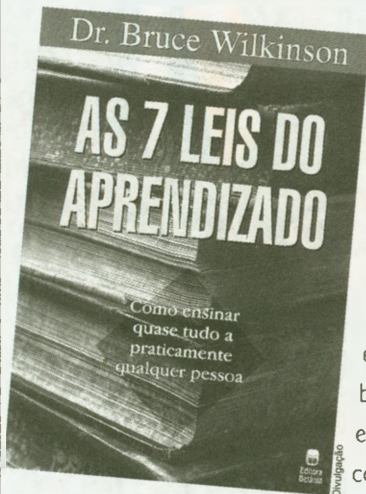
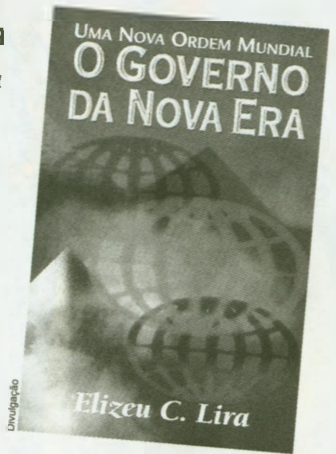


O GOVERNO DA NOVA ERA – Elizeu C. Lira.

Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, 18270-000 Tatuí, SP, 240 páginas.

A Nova Era é um movimento de alcance mundial que se autoproclama portador da chave para solucionar todos os problemas da humanidade. Sua promessa é paz, segurança e prosperidade. Para conseguí-las, é preciso alterar drasticamente as estruturas sociais, políticas, econômicas e religiosas. É necessária, dizem os pregadores da Era de Aquário, uma mudança de mentalidade calcada em novos modelos e novos paradigmas.

Neste livro, o Pastor Elizeu C. Lira analisa o tema à luz da compreensão escatológica adventista.



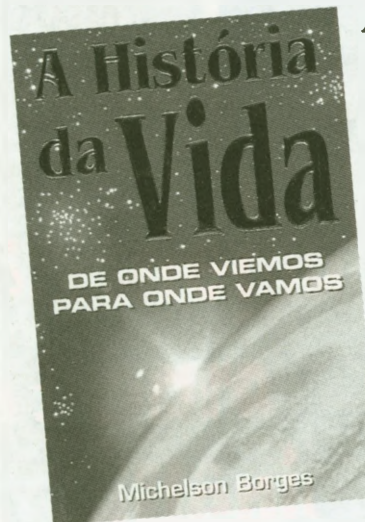
AS 7 LEIS DO APRENDIZADO – Bruce Wilkinson.

Editora Betânia, Caixa Postal 5010, 31611-970 Venda Nova, MG, 351 páginas.

As 7 Leis do Aprendizado coloca em suas mãos sete chaves para uma mudança radical em seu ensino. São princípios baseados na Bíblia que têm sido ensinados ao redor do mundo, com resultados surpreendentes na vida de professores e alunos.

Você vai conhecer a lei da aprendizagem, a lei da expectativa, a lei da aplicação, a lei da retenção, a lei da necessidade, a lei da preparação e a lei do avivamento.

Altamente recomendado para professores, pais, pastores, conferencistas, líderes de pequenos grupos, instrutores bíblicos, e para todas as pessoas que têm a responsabilidade de ensinar.



A HISTÓRIA DA VIDA – Michelson Borges.

Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, 18270-000 Tatuí, SP, 224 páginas.

Qual a origem do Universo e da vida? A teoria da evolução é confiável? Podemos aceitar a Bíblia, do ponto de vista histórico e científico, como a palavra de Deus? O Dilúvio de Gênesis é mera lenda ou fato histórico?

Qual o destino de todas as coisas? Essas e outras questões são respondidas neste livro, numa linguagem acessível a todos. Pastores e líderes bem-informados e atualizados não podem dispensar este livro.

14 a 16 de setembro

Ben Carson

no Brasil



FACULDADE
ADVENTISTA
DE CIÊNCIAS

INSTITUTO
ADVENTISTA
DE ENSINO